



EXPERIENTIA

Um Programa para refletir e partilhar

T O M O U M

Unidades 1 a 5

OCSO

Projeto aprovado pelo Capítulo Geral de 2017

C O N T E U D O

T O M O 1

1. Introdução
2. O caminho percorrido
3. O desejo libertado dos desejos
4. Imago Dei: A pessoa humana criada à imagem de Deus
5. Schola Dilectionis : O Mosteiro escola do amor

T O M O 2

6. Generatividade
7. Oração
8. Despojamento
9. A energia da esperança
10. A tradição cisterciense

Tradução de ir Teresa Paula Perdigão osb
Mosteiro do Encontro Brasil

Original material © Copyright 2018 OCSO.

O logo de EXPERIENTIA foi criado por Madre Giovanna Garbelli (Matutum)

PRIMEIRA UNIDADE

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO



Dom Eamon Fitzgerald
Abade Geral

Uma coisa que aprecio neste programa é o modo como ele surgiu. Fui, de fato, espectador interessado e testemunha de sua genesis, desde o Capítulo Geral de 2014. E, para mim, ele parece-se com a parábola do grão de mostarda do Evangelho.

Quando da reunião da Comissão Central no fim do Capítulo Geral de 2014, a Irmã Marie Mouris do Mosteiro Val d'Igny, foi eleita Secretária Central para a Formação. Seu primeiro trabalho foi informar-se sobre o que tinha sido dito no Capítulo a respeito da formação e também sobre as necessidades das comunidades neste assunto. Para ter dados de primeira mão, ela escreveu aos abades e abadessas da Ordem para perguntar quais as necessidades e desejos, e também para saber se eles podiam indicar membros disponíveis nas suas casas, dispostos a ajudar as comunidades que precisam. Entre as respostas havia uma sugestão de uma carta circular, que pudesse ser difundida para partilhar informações sobre o que se faz, em matéria de formação, tanto nas Regiões, como nas comunidades: sessões, cursos ou outros seminários. A sugestão foi logo posta em prática e a Newsletter já circula regularmente entre as secretárias da formação na Ordem e até mais amplamente. Esta iniciativa é muito apreciada. Permite uma partilha de informações, estimula a reflexão e encoraja a comunicação, assim como a relação entre as secretárias, promovendo ao mesmo tempo a colaboração entre elas.

Ir. Marie escuta; pensa também rapidamente. Durante o ano de 2015 ela perguntou: “Como podemos fazer as Regiões refletir sobre a intuição que apareceu no Capítulo de 2014 sobre a formação? A intuição a que ela se referia, tinha sido expressa em forma de pergunta por um dos Membros do Capítulo: “Como podemos promover uma formação mística integral”? Ir Marie conseguiu convencer 7 abades ou abadessas a escreverem sobre este tema a partir de suas experiências. Deste trabalho surgiu uma pequena Colectânea, que foi calorosamente recebida.

O nosso Programa de Formação (Ratio Institutionis) fala da comunidade como “formadora”. Esta afirmação, aliada à convicção pessoal de Ir. Marie, assim como à experiência de certas

Reuniões regionais, levou a pensar que seria bom imaginar uma proposta simples de formação permanente dos irmãos e das irmãs de todas as idades. Isto nos daria ocasião de voltar, juntos, às nossas raízes cistercienses, de aprofundar a nossa identidade, de encorajar o estudo individual e a lectio.

A Comissão Central se reuniu em 2016 e encorajou esta ideia quando discutiram o projeto de Ir. Marie, e aconselharam a procurar uma pessoa capaz, a nível de competência e de experiência, para supervisionar tal projeto. A Comissão sugeriu o P. Michael Casey de Tarrawarra e, generosamente, ele aceitou. Foi formado um grupo que trabalhou sob sua orientação, e juntos, elaboraram o programa. Ir. Marie, no Capítulo Geral de 2017, apresentou detalhadamente o conteúdo, e também o método. Os Membros do Capítulo votaram seu apoio e encorajamento a favor do programa, como excelente para ser apresentado às comunidades da Ordem.

O programa chama-se **E X P E R I E N T I A**. Visa permitir aos monges e monjas de hoje refletirem sobre a sua experiência da vida monástica, e confrontá-la com textos escolhidos na tradição cisterciense e monástica. Desta maneira, a longa experiência destilada pela nossa tradição, poderá iluminar a nossa experiência atual, e encorajar, motivar e orientar a nossa maneira de viver a graça cisterciense no mundo contemporâneo. Nove campos de experiência foram definidos, que correspondem a aspetos importantes da vida humana e monástica. Eis alguns: “o caminho percorrido”, “o desejo libertado dos desejos”, “a comunidade”, “a oração”, ou ainda a “diminuição”. Como os títulos sugerem claramente este programa não diz respeito somente aos monges e monjas mais dotados para o estudo, os universitários, ou os intelectuais entre nós, mas está concebido para os monges e monjas comuns. No fundo o programa visa encorajar a reflexão sobre o vivido humano autêntico, e leva a perguntar-se como vivê-lo bem, como monges e monjas que pertencem a esta tradição particular de vida evangélica, que se expressa na Regra de São Bento e na tradição cisterciense.

Quero aqui dizer minha gratidão ao P. Michael e aos membros do grupo que elaboraram o programa, assim como àqueles que tiveram um papel na sua realização. É um projeto a nível da Ordem toda, tanto na sua conceção, como na sua realização. É fruto de simplicidade, sem pretensões. Nasceu de um espírito de escuta atenta, alimentou-se com o amor pelo nosso carisma cisterciense, vivido em toda a sua diversidade pelo mundo, e com a inteligência, clareza do objetivo e competência. Recomendo-o calorosamente a todas as comunidades da Ordem. Possa *Experientia* encontrar hospitalidade, ser acolhida, nos nossos mosteiros, não somente como algo mais para as nossas bibliotecas e arquivos, mas como um instrumento de bom trabalho, que nos permitirá viver nossas vidas no mundo de hoje, com serenidade e ardor, na comunhão do amor do Cristo. Possa este programa nos conduzir juntos à vida eterna! 1



INTRODUÇÃO



Father Michael Casey (Tarrawarra)

nasc 27 de Junho 1942.

Data de entrada 2 de Fevereiro 1960

Email: experientia.editor@gmail.com

Este programa foi concebido como um utensílio para a formação permanente nos mosteiros de monges e monjas da Ordem Cisterciense da Estrita Observância. Como diz o título, o ponto central do programa é a experiência monástica particular de cada pessoa; convida-nos a todos a ler o “livro da experiência”.

Os objetivos principais são os seguintes:

1. Ajudar cada um a refletir sobre a sua experiência monástica e a encontrar palavras para expressar o que viveu durante a sua caminhada monástica.
2. Juntar elementos de uma autobiografia monástica simples, para poder refletir sobre ela e continuá-la.
3. Escutar e descobrir nos textos da nossa tradição cisterciense ecos da sua própria experiência.
4. Descobrir afinidades entre o que você viveu e a experiência de outros membros da Ordem, especialmente de outras culturas.
5. Permitir que você tenha bastante confiança para partilhar algumas de suas experiências com os membros de sua comunidade e com outros monges e monjas da Ordem.

Este programa está também concebido para que cada comunidade – e de certo modo – cada pessoa possa adaptar o seu conteúdo à sua situação particular.

O LIVRO DA EXPERIÊNCIA

Para conservar a lembrança de suas reflexões pessoais, sugere-se escrever à mão, num caderno especial, e não digitar num computador. O importante não é produzir alguma coisa que os outros poderão ler, como um blog, mas ter um diário pessoal para estimular sua reflexão pessoal e guardar um sinal de como seu pensamento evoluiu. Escrever de maneira reflexiva ajuda a abrandar o processo e permite que certos temas latentes no pensamento se manifestem. É uma forma de meditatio. E como mais ninguém vai ler o que você escreveu, você pode ser totalmente sincero. Não há nenhum motivo para censurar seus sentimentos do momento. Também não é preciso procurar um estilo literário cuidado. Um tal modo de escrever pode ser uma escola de auto conhecimento, e, até uma escola de sabedoria. Além das respostas às perguntas feitas, você pode ter o prazer de escrever passagens de coisas propostas para o programa, sobretudo quando esses textos são parecidos com sua própria experiência, ou completam o que escreveu. E pode acontecer que durante o tempo em que você está refletindo, encontre algum eco aos seus pensamentos na Liturgia das Horas, nos textos que está a usar para a lectio divina, ou em outras leituras. Isso pode ser acrescentado ao caderno dos seus tesouros pessoais.

MÉTODO

O programa está dividido em 10 Unidades. Nós pensamos prever um mês para cada Unidade, mas depois de pensarmos no Capítulo Geral, foi decidido conceber um programa leve, deixando que cada comunidade adote seu próprio ritmo.

1. Introdução
2. O caminho percorrido
3. O desejo libertado dos desejos
4. Imago Dei: a pessoa humana criada à imagem de Deus
5. Schola Dilectionis: o mosteiro escola de amor
6. Generatividade
7. Oração
8. Diminuição
9. A energia da esperança
10. A tradição cisterciense

Depois da Unidade de Introdução que é própria, cada Unidade será estruturada segundo o mesmo modelo:

1. Uma breve introdução que dá uma visão geral do material a percorrer
2. Uma série de 7 perguntas para a reflexão pessoal. Para uns será melhor uma reflexão por dia, durante uma semana. Para outros será mais proveitoso concentrar-se numa ou duas perguntas que estimulem a reflexão. Não se trata de um exame! Não é necessário responder às perguntas por ordem, mas as diversas questões podem ser utilizadas para alargar o campo de reflexão. Não há respostas “boas” ou “más”.
3. O texto cisterciense estudado (cf o ponto seguinte) é precedido por uma introdução de 1000 palavras, escrita por um membro da Ordem, destinada a ajudar a fazer a ligação entre sua própria experiência e a da sua tradição. Como haverá umas 50 contribuições, é pouco provável que esteja de acordo com todas. A sugestão é, simplesmente, escutar

o que eles dizem, meditar esses ecos da experiência monástica na diversidade masculina e feminina, das gerações, dos continentes e das culturas.

4. Um sermão, ou um outro texto do mesmo tamanho de um de nossos autores cistercienses do séc.12 ou do séc.13.
5. Sete breves citações que servem para completar, clarificar, ou estabelecer um paralelo com uma ou outra parte do texto.
6. Quatro reflexões de 250 palavras, redigidas por membros diferentes da Ordem, que respondem ao texto à luz de sua própria experiência.
7. Um convite para escrever uma síntese breve do que você descobriu ao trabalhar esta Unidade. Isto é para enriquecimento pessoal. Alguns talvez achem útil que isto se torne uma base para uma partilha, quer no seio de sua própria comunidade, quer com outros membros da Ordem.

INVESTIR NO TEMPO

Para que o programa dê fruto, é necessário que cada monge, ou monja, invista um certo tempo, ache tempo, para uma leitura atenta e para a reflexão. Não se trata de acabar o mais depressa possível cada parte do programa, para passar para outros trabalhos considerados mais importantes. O ideal para tirar proveito do programa, é, não só dar-lhe um certo tempo, mas guardar as perguntas ao longo do dia, carregando-as em si mesmo, refletindo em profundidade, para que se tornem o pano de fundo e o contexto da nossa lectio, da nossa oração, da liturgia. Como todos sabemos por experiência, as intuições podem surgir quando estamos ocupados com outras coisas: durante o trabalho, no intervalo, até durante o descanso. O fato de partilhar com outros as suas experiências e as suas lembranças, pode ajudar a integrá-las, como fazendo parte da imagem que você tem de si mesmo. É provável que ao envelhecer, a nossa interpretação de muitos acontecimentos mude, e isso pode ser importante na nossa procura de sabedoria.

No final de cada Unidade, cada um, cada uma, é convidado a enviar uma breve reflexão (mais ou menos 250 palavras) ao Editor responsável, na sua própria língua. Estas reflexões serão reunidas no final de cada um dos dois conjuntos das 5 Unidades e ficarão acessíveis aos membros da Ordem.

Se o programa correr bem, deverá ter um duplo impacto sobre cada um de nós. Nos tornaremos mais conscientes que o nosso caminho espiritual é único, mas também ficaremos admirados por descobrir que as nossas experiências são muito semelhantes às dos outros monges e monjas que vivem em contextos muito diferentes do nosso. Ao longo do programa encontraremos uns 50 monges e monjas do mundo inteiro. O objetivo da Carta da Caridade será assim, de certo modo, atualizado: que os monges e monjas das diversas regiões do mundo, ainda que separados de corpo, estão unidos indissolivelmente pelo espírito.

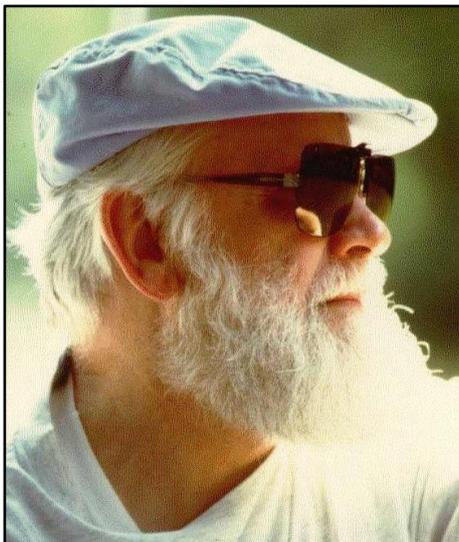
A FORMA DA PRIMEIRA UNIDADE

Esta Unidade de introdução é diferentes das que se seguem. É composta por dois ensaios. O primeiro é redigido por Dom Armand Veilleux, e imagina como poderia ser a forma de existência da nossa Ordem no futuro, propondo uma história ficção do monaquismo da primeira metade do séc. 21. O segundo, redigido por Dom Bernardo Bonowitz, expõe o modo como os primeiros cistercienses olhavam a domínio da experiência. Estes dois ensaios querem convidar-nos a olhar, ao mesmo tempo, para a frente e para trás. Com esta dupla visão podemos esperar

a nossa situação presente com mais clareza. Depois de cada ensaio são propostas algumas perguntas simples, que convidam a refletir sobre estas contribuições, cada um, cada uma a partir de sua própria experiência e a escrever uma breve resposta.



BREVE HISTÓRIA DO FUTURO DO MONAQUISMO



Dom Armand Veilleux (Scourmont)

Nasc.: 9 de November 1937

Data de entrada: (Mistassini) 1955

Email: A.Veilleux@chimay.com

Abadia do Mont du Secours : 9 de Novembro 2057

O monaquismo conheceu desenvolvimentos um pouco surpreendentes e muitas vezes inesperados, durante a primeira metade do séc.21. Tal como ao longo dos dois milénios anteriores, sua evolução foi muito marcada pela evolução da sociedade e da Igreja, e deixou sua marca própria sobre esta evolução.

No final da primeira metade do terceiro milénio, estamos na presença de muitas comunidades pequenas, não tendo mais que uma dezena de monges ou monjas. São em geral, pessoas de personalidades fortes, enraizadas numa relação pessoal com o Cristo. No seio de cada comunidade, há uma intensa comunhão fraterna, sem que necessariamente façam alguma coisa juntos. Vivem aí uma profunda solidão, que não é isolamento, nem ausência de relações, mas uma qualidade de relações escolhidas.

Tendo desenvolvido entre elas e com suas vizinhanças, numerosas formas de sinergia, estas comunidades vivem sobriamente, sem grandes propriedades materiais. Moram muitas vezes em lugares alagados. Estas comunidades monásticas estão ligadas por toda espécie de passarelas com outros tipos de celas eclesiais, ou com outras formas de vida comunitária – civis ou religiosas.

O que aconteceu para se chegar a isto? Antes de mais, mesmo que pareça inútil dizê-lo, o mundo e a Igreja conheceram mudanças radicais no começo deste período. No Ocidente, um certo sonho de democracia, que os governos totalitários não tinham conseguido abater, apagou-se gradualmente, numa viragem à direita e numa série de golpes de estado, ditos constitucionais. Desenvolveu-se então, uma nova forma de relação social, chamada “terceira via”, por meio de pontífices visionários do começo do milénio. A Igreja, que durante uma grande parte dos dois milénios precedentes, tinha exercido a sua autoridade através de uma estrutura social ligada aos regimes políticos, foi fortemente abalada. Com toda a confiança na presença indefectível do Cristo, mesmo se sua estrutura social (outrora chamada de Cristandade) ruíu, a Igreja se re-achou numa vasta comunhão sob a forma de comunidades de comunidades. Aos pontífices (construtores de pontes) de outrora sucederam grandes construtores de passarelas.

O crescimento espantoso do monaquismo ao longo do segundo milénio, deveu-se sobretudo à sua inserção nesta estrutura eclesial, sobretudo depois da reforma chamada gregoriana, do séc 11 e 12. Com as mudanças acontecidas no começo do atual período, quase desapareceu. De fato, numerosas comunidades e congregações monásticas, cuja expansão numérica e geográfica tinha feito a glória dessa Igreja, desapareceram. Para dizê-lo com palavras de um pontífice visionário do começo deste período, esses grupos privilegiaram o *espaço* – ou os espaços de poder- em vez do *tempo*. Outras não somente sobreviveram, mas conheceram uma nova vitalidade, vendo na sua fragilidade e precariedade uma graça e um apelo para confiar no processo do *tempo* para se deixarem transformar numa nova incarnação do carisma. Tornaram-se, assim na nova configuração eclesial, ilhas de interioridade, de comunhão, de abertura e de alegria – recebendo a vida de todos os outros elementos dessa vasta constelação, e ao mesmo tempo dando-a. Vivem uma interioridade projetada para todas as periferias.

Como se vive, no seio dessas comunidades, a solidão tão essencial à vida monástica? Vive-se, antes de mais, na fina ponta do coração aonde cada pessoa é, cem cessar, gerada num diálogo, em que recebe de Deus seu nome próprio. É o que os antigos chamavam de oração contínua, forma monástica por excelência da oração. Esta solidão vive-se depois em todo o tipo de mortes a si mesmo, que são as numerosas decisões quotidianas, em que se escolhe –sozinho diante de Deus- ser fiel ao apelo do Cristo. É o que se chama conversão contínua. Vive-se na aceitação de todas as exigências concretas vindas do engajamento de viver o Evangelho com os outros, sob uma regra comum. É a obediência. E nisto tudo nada é diferente do que os monges e monjas dos milénios anteriores viveram.

A solidão não é nem cristã, nem mesmo real, se não for uma outra face da comunhão. E aí está a novidade. Na ordem espiritual, como na ordem material, as instituições que optaram por viver uma total autonomia, desapareceram. As que escolheram uma autonomia parcial puderam continuar a vegetar. As que escolheram viver em grande sinergia, desabrocharam numa grande fragilidade aceita alegremente. Sinergia no seio de comunidades monásticas, entre comunidades no seio de congregações monásticas, com outras celas eclesiais e com a sociedade civil, que está ao redor. A sinergia como relação interpessoal, exige que cada um respeite sua própria identidade e a dos outros. A comunidade de Tibhirine, no começo deste período, é um belo exemplo.

Como é a formação no seio desta células monásticas? Ela exige que cada candidato tenha uma personalidade bem marcada e uma clara identidade espiritual. O papel dos “formadores” (para

usar uma expressão tradicional, mas pouco adequada) é precisamente ajudar o desabrochar desta identidade. Uma comunidade não é feita de uma soma de indivíduos, mas da comunhão entre as pessoas. Os novos são ajudados a tornarem-se sempre mais eles mesmos, na personalidade recebida de Deus, entrando cada vez mais profundamente em comunhão com seus irmãos, ou suas irmãs, no seio da comunidade, e também com a Igreja, o mundo e todo o cosmos.

O estudo dos grandes mestres do passado, e de suas obras antigas, é certamente necessário, para se inserir numa tradição viva, mas não basta. Os grupos que se limitaram a isso, formaram campos de refugiados espirituais, que acabaram por desaparecer. As comunidades vivas são aquelas que se preocuparam, através do olhar sobre o passado, em ligar esta longa tradição com a tradição viva da comunidade eclesial de hoje, ela também voltada para o mundo para o qual é enviada, como portadora de uma Mensagem.

O Cristo prometeu estar presente na sua Igreja até ao fim dos tempos. A vida monástica pode contar com esta promessa na medida em que viver em sintonia com a Igreja do seu tempo.

REFLEXÃO

1. Escreva três pontos deste ensaio que lhe parecem importantes
2. Como é que a visão geral deste ensaio corresponde à sua experiência de vida monástica?
3. Há pontos que você gostaria de acrescentar a esta apresentação?
4. Há assuntos sobre que você pensa de maneira diferente?



A COMPREENSÃO CISTERCIENSE DA EXPERIÊNCIA



Dom Bernardo Bonowitz (Novo Mundo)

Nasc: 30 de April 1949

Entrada 8 de Setembro 1982

Email: mosteirotrapista@gmail.com

Para os Padre Cistercienses a experiência religiosa não é o objetivo da vida espiritual, sobretudo as experiências diferentes que costumamos chamar de “experiências místicas” O objetivo da vida espiritual é a plena realização do plano divino de salvação numa vida humana, tal como a expressa São Paulo:

“Aqueles que de ante mão discerniu, também os destinou para reproduzirem a imagem de seu Filho, para que seja o primogênito de uma multidão de irmãos; e aqueles que destinou, também os chamou; e aqueles que chamou, também os justificou; e aqueles que justificou, também os glorificou” (Rom. 8, 29-30)

Nós descobrimos o Amor de Deus em nós, que trabalha para realizar este plano: despertamos para ele, abrimo-nos a ele, tentamos colaborar com ele, somos movidos pelo amor por Deus, que é eco e responde ao amor que Deus tem por nós. Esta é a nossa experiência fundamental, ser afetados pelo Amor de Deus e desejar responder a esse amor (redamare) Nesta experiência há sempre a consciência de “que é Deus quem nos amou por primeiro” (1Jo 4,19: um versículo constantemente citado pelos nossos Padres cistercienses).

Como a vida espiritual diz respeito, antes de tudo, à realização do plano de Deus, as metáforas utilizadas para descrever este processo, particularmente as usadas pelo Cântico dos Cânticos (os “três beijos” no SCt 1-8 de Bernardo, por exemplo) não devem ser interpretadas no plano subjetivo e emocional, mas no plano teológico, como se referindo à História da salvação, que se realiza na Igreja e em cada um de nós. As célebres representações de São Bernardo em êxtase não traduzem verdadeiramente o sentido de seus textos.

Os Padres cistercienses estavam particularmente atentos e interessados na natureza orgânica e dinâmica da realização da nossa salvação. Todos elaboraram esquemas progressivos deste processo. Um dos melhores exemplos destes esquemas está nos Sermões de Bernardo sobre o Cântico dos Cânticos, quando ele fala dos três beijos e das três unções. Os três beijos descrevem a ação transformadora de Deus realizada em Cristo, segundo três etapas:

- 1) O perdão de Deus e a reconciliação do pecador, em que a misericórdia de Deus triunfa sobre sua justiça.
- 2) A renovação dos pecadores perdoados na santidade de vida, realizada por Deus, que lhes permite recuperar sua verdadeira humanidade.
- 3) O dom divino do Espírito-Santo no intelecto e no coração do homem, restaurados, que lhe dão a possibilidade de ter parte na – e de agir a partir de – Sabedoria de Deus e no seu Amor.

As três unções, por outro lado, concentram-se na ressonância espiritual e sobre a resposta ao que foi realizado por Deus nestas três fases.

- 1) Um sentimento de temor e uma perturbação interior, provocados pela consciência dos nossos pecados e do castigo que merecem, que dá lugar à compunção e à alegria de ser perdoados.
- 2) Um espírito habitual de ação de graças e de louvor pela nova criação que Deus realiza em nós gratuitamente.
- 3) Um “permanecer” habitual no Amor, e seu crescimento em nós (esse Amor que recebemos com o dom do Espírito) dirigido ao mesmo tempo para Deus e para a sua Igreja.

Nesta evolução, o movimento está sempre orientado para a união crescente entre Deus, que salva, e a pessoa que é salva. A plenitude desta união na vida presente é “a unidade do Espírito” na qual a pessoa humana, continuamente movida pelo Espírito Santo acolhe, faz suas as suas inspirações, e em que a vida individual torna-se um consentimento permanente, e um pôr em prática o que foi recebido numa vida que é simultaneamente obediência total e liberdade total. Aqui a distância entre a salvação divina e a experiência humana desta salvação está quase totalmente cumulada.

Uma das intuições mais interessantes dos Padres cistercienses é o fato da experiência de Deus nunca acontecer de modo isolado, mas estar sempre ligada a uma experiência de si, a uma experiência do próximo e a uma experiência da comunidade. A experiência de si é tipicamente descrita como “conhecimento de si”. Dois efeitos aparentemente opostos, caracterizam a abertura de uma vida à ação de Deus: a humildade e a dignidade. Quando nos tornamos acessíveis a Deus, sentimo-nos um pouco deslocados do centro do universo (o universo em geral e o nosso próprio universo), e “diminuímos”. Tornamo-nos progressivamente mais pequenos e menos importantes. Ao mesmo tempo crescemos na experiência de ser criados à imagem e semelhança de Deus: dotados de liberdade e de razão, encarregados de governar a criação de Deus, abertos à transcendência. Há uma humildade própria a esta dignidade que reconcilia os opostos: o reconhecimento que a nossa humanidade não é uma realidade autónoma, autárquica; mas que provem e depende da nossa relação com Deus. Fora desta relação sempre nova, deste constante abraço, nossa humanidade é impensável. Este é um dos temas queridos de Merton.

A humildade que resulta deste expor-se a Deus, leva à descoberta mais significativa, que podemos conceber do nosso próximo: o da proximidade e o da nossa igualdade. Antes de ter feito a experiência de nós-mesmos na nossa pequenez, fizemos todo o possível para nos

distanciarmos e os distinguirmos do nosso vizinho; negamos, recusamos a ideia de que somos parceiros, estamos ligados ao resto da humanidade pela mesma natureza (*socii naturae humanae*). A descoberta da nossa semelhança com nossos irmãos e irmãs leva à experiência de uma comunhão com os outros homens. Podemos dizer, adaptando o texto da carta aos Hebreus que “somos semelhantes em tudo, incluindo o pecado, sobretudo no pecado, e particularmente pelo pecado”. Começada numa comunhão no abaixamento de uma natureza humana decaída, esta experiência de união com os outros, sobretudo no contexto da comunidade monástica, vai levar a uma comunhão na graça e finalmente, na comunhão de glória (Baudouin de Ford).

A humildade e a caridade fraterna que resultam de uma vida na presença de Deus, realizam-se na nossa volta para Deus. A humildade leva-nos a vermo-nos tal como somos; a caridade ativa purifica este olhar e torna a nossa vista menos deformadora. Há um grau decisivo de luz e de pureza que, quando alcançado, permite a Deus elevar as pessoas ao mistério divino e torna-las capazes de “ver” a Deus. Falamos aqui de experiências extraordinárias, que normalmente chamamos de místicas. Segundo São Bernardo, são raras, breves e acontecem sempre por iniciativa divina. Não há graus de excelência ascética, ou moral, ou fraterna que possam “adquirir” o direito a tal experiência.

Para os cistercienses, assim como a “impressão” de Deus é indispensável para fazer a experiência de um autêntico conhecimento de si mesmo, assim é indispensável que este conhecimento de si vá junto com o conhecimento amoroso do nosso próximo, para fazer um conhecimento experimental de Deus.

É importante sublinhar que a experiência de Deus não é somente, nem principalmente alguma coisa que acontece na vida dos indivíduos, mas acontece também na vida de uma comunidade. Para autores como Baudouin de Ford uma comunidade cisterciense não é um conjunto de pessoas, que teriam cada uma feito uma experiência particular de Deus. O Espírito Santo é derramado na comunidade como tal, mais do que sobre uma série de pessoas. Qualquer que seja o dom dado a um membro, foi-lhe dado para ser comunicado aos outros membros. Este movimento circular contínuo é facilitado pela infusão da caridade, que é uma parte inerente de todo o dom concedido. Digamos aqui, que para Baudouin esta comunhão total de dons entre irmãos e irmãs – incluindo aqueles que poderíamos considerar estritamente pessoais – pertence à natureza mesma da experiência de Deus.

Finalmente convém, aqui, dizer uma palavra da experiência de Deus do Abade. A oração Pastoral de Aelred está toda constituída pela descrição da ação purificadora e renovadora do “olhar” de Deus sobre um abade, que está se tornando um verdadeiro abade. O fato de ser “olhado” assim, gera no abade uma experiência estável não só de fazer as vezes do Cristo no mosteiro, mas também de experimentar os próprios sentimentos de Cristo pelos membros da comunidade. Bernardo diz algo semelhante quando descreve os efeitos do terceiro beijo, o do Espírito Santo: quem é abraçado assim, torna-se esposa e mãe e experimenta, de forma estável, a obrigação, o desejo e a capacidade de alimentar, e de conduzir à maturidade as pessoas que foram confiadas aos seus cuidados.

REFLEXÃO

- 1- Escreva três pontos desta colocação que lhe parecem mais importantes.
- 2- Como é que esta colocação geral vai ao encontro de sua experiência de vida monástica?
- 3- Tem pontos que gostaria de acrescentar a esta apresentação?

4- Tem pontos em que pensa de maneira diferente?

ALGUMAS LEITURAS PARA APROFUNDAR

- Bernard Bonowitz, “The Role of Experience in the Spiritual Life,” *Analecta Cisterciensia* 46 (1990), pp. 321-325.
- Emmanuel Falque, *Le livre de l’expérience d’Anselme de Cantorbery à Bernard de Clairvaux* (Paris: Cerf, 2017). Summarized by Alexandre Etaix in *Collectanea Cisterciensia* 80 (2018), pp. 187-196.



EXPERIENTIA Working Group

D. Guillaume, Sr Marie, Sr Maria-Francesca, Br Cassian, Fr Michael, Fr Mauricio

UNIDADE DOIS

O CAMINHO PERCORRIDO

O CAMINHO PERCORRIDO?

Neste módulo nós vos pedimos para refletir sobre a história de sua vocação, de repensar os primeiros acontecimentos que o (a) levou a entrar no mosteiro; rever o que se passou nesses anos. Sente que houve movimento na sua vida, que um fio vermelho se revelou ao longo do tempo? Talvez que este exercício de retrospectiva o leve a uma certa sabedoria, e à gratidão. Precisa fazer algumas perguntas para depois meditar sobre a parábola do “filho do rei” de São Bernardo, parábola que ilustra o seu modo de ver o progresso na vida monástica, desde o começo até ao fim glorioso.

PERGUNTAS PARA REFLETIR

- 1- Quais foram os começos de minha vocação monástica?
- 2- O que é que eu procurava quando vim para o mosteiro? Encontrei no mosteiro o que eu procurava? Tive surpresas boas? Houve momentos de graça? Houve momentos sem nada?
- 3- Vivi tempos de crise? Quais foram os fatores? Quais foram os resultados? Que marcas (positivas ou negativas) essas crises deixaram na minha vida?
- 4- Há campos sub-desenvolvidos na minha vida? Sinto-me insatisfeito? Isso me frustrou, ou me faz inveja? Como expressei esses sentimentos negativos? Considero-me vítima?
- 5- Como vivi as decepções? Há algum rancor que permanece? Isso deu-me a impressão de estar afastado da comunidade?
- 6- Como me vejo hoje? Neste momento preciso, aonde é que me sinto melhor em casa, ou melhor eu mesmo: na Igreja? No refeitório? No trabalho? No claustro? Na minha cela? Na hospedaria? Ou noutro lugar? Minha identidade pessoal confunde-se com minha vocação monástica? E até que ponto?
- 7- Houve mudanças nas minhas expectativas: o que espero do meu futuro monástico?



INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARÁBOLA



Father Michael Casey (Tarrawarra)

Nasc 27 de Junho 1942

Entrada 2 de Fevereiro 1960

Email: experientia.editor@gmail.com

Bernardo compôs, provavelmente, suas parábolas como simples utensílios para instruir os jovens que entravam no seu mosteiro. A maior parte deles vinha da Cavalaria e estava muito mais interessado em histórias do que em discursos abstratos sobre os valores da vida monástica. Bernardo aceitou isso, mas acrescentou um bom número de coisas sérias nessas histórias, para levar os recém chegados às características da espiritualidade monástica, e dar-lhes as grandes linhas do modo como sua vida devia ser no mosteiro. Somos convidados a lê-las como histórias, deixando as nossas emoções surgir e guiar-nos. Na nossa leitura podemos notar as diferentes alusões bíblicas que Bernardo insere na história, assim como o uso que faz do vocabulário típico da espiritualidade monástica.

É no último parágrafo que nos é dada a chave para entender tudo. Primeiro Bernardo descreve a “liberdade” como o fim da viagem. É uma passagem da escravidão das forças do subconsciente para a plena liberdade dos filhos de Deus. Ele divide a viagem em quatro fases. Na primeira, o jovem cai nos pecados habituais. Disto – e isso coincide provavelmente com sua entrada no mosteiro – é libertado pela ação de Deus e pela prática das diferentes virtudes. Isto leva-o progressivamente à entrada da experiência contemplativa. Mas aí, espera-o uma surpresa. O combate, que ele pensava ter ganho há muito, volta de novo. É a intervenção direta de Deus que o salva do desastre iminente. E eis a conclusão gloriosa:

Todas estas fases você as descobre naqueles que fogem do mundo. Primeiro são fracos e imaturos; com dias melhores, tornam-se apressados e temerários; quando chegam os aborrecimentos, começam a ser temerosos e desanimam; finalmente quando chegam ao Reino da Caridade, são previdentes, experimentados e tornados perfeitos.

Bernardo vê a vida monástica como um movimento. A história começa com o filho do rei no jardim do Edem, o jardim exterior sendo o espelho da paisagem interior, do “paraíso da boa consciência”. Loucamente o filho do rei rejeita os conselhos oferecidos e cai no taedium, a falta

de gosto do bem e o desejo de novidades. Procurando aquilo de que não tem experiência, deixa o jardim do Edem e encontra-se na escória da sociedade, fugindo da face do seu pai, e errando sem rumo. Fica, então, exposto às tentações a que não sabe resistir a partir de sua experiência. Cai e torna-se cativo e escravo de seus maus hábitos.

É assim que o filho do rei chega à Região da Dissemelhança, prisioneiro e alienado dele mesmo. Cativo na prisão interior do desespero e da desesperança. Pior ainda, faltando-lhe o conhecimento de si mesmo, nem se dá conta de que caiu tão longe. É incapaz de se salvar a si mesmo.

Chega o momento para o pai interferir; começa sua missão de salvamento, enviando as diferentes virtudes como salvadores. Envia primeiro o Temor para que o rapaz inexperiente compreenda a gravidade da situação. Depois vem a Esperança para lhe assegurar que o medo não paralisa, mas motiva. Depois é o Desejo para despertar o elan para Deus. E, finalmente, toda uma série de virtudes morais destinadas a sustentar e proteger o jovem enquanto progride na longa viagem para a liberdade.

Tudo corre bem e o filho do rei chega sem perigo ao Castelo da Sabedoria onde o colocam no seu leito. É como se, chegado ao mosteiro, ele sinta um pouco de repouso dos clamores da carne. Uma vez que a violência das tentações parece ter-se acalmado, aparece um novo perigo: o comprazer-se em si mesmo, e uma certa auto suficiência por ter chegado a um lugar seguro. As tréguas não duram. Então há um novo ataque terrível, suscitando medo, angústia e sofrimento. Em pânico, o jovem volta-se para a oração, uma prática que ele tinha abandonado. “Procura-se durante muito tempo a oração. E tem-se muita dificuldade em encontra-la no meio de tanta perturbação” As soluções fáceis não existem para as crises maiores da vida de um monge. Experimenta sua impotência, tão afastado de Deus que a oração só é possível depois de uma longa procura angustiada. É como se tivesse esquecido a linguagem da oração e tem de aprendê-la de novo.

Mas, finalmente, a Oração jorra e o socorro vem de Deus. A Rainha Caridade desce para remediar a situação. O amor de Deus conquista tudo e o rapaz volta à casa do Pai, aonde é acolhido com alegria e festividades.

A imagem da vida monástica como combate espiritual não é a preferida de todos, mas é muito tradicional. Sublinha que na fidelidade à vocação monástica há uma grande parte de combate. Nesta história Bernardo mostra que não há uma só batalha em que estamos engajados. Somos confrontados com toda uma série de desafios, cada um exigindo uma resposta diferente da nossa parte. O que se passa é que através destes diferentes encontros somos formados pelas virtudes diferentes que, efetivamente, nos protegem da nossa fraqueza e nos ajudam na nossa peregrinação para Deus. Como o mostram as diferentes situações, cada virtude tem um benefício a oferecer-nos. E nós precisamos de todas.

O aviso mais importante da história, está no ataque final. Justamente quando tudo parece ir bem, e que parece haver uma paz sólida, há um novo combate mais feroz. Face ao furor do ataque, o filho do rei sente-se impotente e incapaz de sair dessa situação; nem sequer pode pedir ajuda, porque parece-lhe que perdeu até o dom da oração. Está diante de uma destruição iminente, mas há um fiozinho que permite à oração de surgir, de subir; e o socorro desce, e tudo acaba bem.

Se nos deixarmos interpelar por esta história, é provável que ela nos ensine alguma coisa de útil para a nossa própria vida monástica, qualquer que seja a etapa em que estamos.

BERNARDO DE CLARAVAL

Primeira Parábola: o filho do rei

SETE BREVES TEXTOS

1

Bernardo vigiava com cuidado a guarda de sua alma e a perseverança do seu objetivo. Ele tinha sempre no coração e na boca esta palavra: Bernardo, Bernardo a que vieste ?

Guillaume de St Thierry La vie de St Bernard L.1, VI na La Vie de St Bernard premier abbé de Clairvaux , et Père de l'Eglise, Paris, Perre le Petit 1663 pag.34

2

Quem quer que sejas, conheces a Deus, e se pretendes não o conhecer, és semelhante aos homens deste mundo: um mentiroso. Pois afinal, se não o conheces, quem te trouxe aqui, ou como é que vieste para este lugar? Se não o conheces, como é que te persuadiram a renunciar espontaneamente à afeição dos que te são queridos, aos prazeres do corpo, às vaidades do mundo, para lançar tuas preocupações no Senhor, tudo o que te preocupa, nele de quem não mereces nada de bom, mas todo mal possível, como tua consciência te diz? Sim, repito-o, quem poderia persuadir-te a agir desse modo, se ignorasses que Deus é bom para aqueles que esperam nele, para a alma que o procura, e se se não soubesses que Deus é ternura e piedade, cheio de misericórdia e de verdade?

Bernard de Clairvaux, Sermon pour l'Avent 3,3 in Saint Bernard Sermons pour l'année, Brepols / Les presses de Taizé 1990 pag 54

3

Esta criatura nobre, que é o homem, foi criada na região da semelhança, pois que foi feita à imagem de Deus. Mas quando era assim honrada, não foi inteligente, e semelhança caiu na

dissemelhança. É de fato, grande dissemelhança, sim, de verdade: passar do paraíso para o inferno, passar de ser anjo a ser animal, passar de ser Deus ao diabo. (...) Horrível conversão: mudar de glória para a miséria, da vida para a morte, da paz para o combate e isto por meio de um cativeiro definitivo. (...) Maldita queda: descer das riquezas para a pobreza, da liberdade para a servidão, do repouso para o labor...

Bernard of Clairvaux, Sermon divers 42,2 in Saint Bernard, Sermons divers t. II Desclée de Brouwer, 1982 pag 11

4

Estar longe da tua face, é estar na paixão tenebrosa. Não é pelos pés, ou nos espaços de um lugar que vamos para longe de ti; aquele que era teu filho mais novo não procurou nem cavalos, nem carros, nem navios, não roubou asas visíveis, nem movimentou as barrigas das pernas para ir viver num país longínquo e aí dissipar, como pródigo, o que lhe tinhas dado, mostrando seres um pai cheio de ternura com esse dom, e mais cheio de ternura quando ele voltou sem nada. Ele vivia numa paixão luxuriosa; tal é, de fato, a paixão tenebrosa, e é isso viver longe da tua face.

Saint Augustin, Confessions I 18,28 in Oeuvres de St Augustin, Les confessions L. I-VII Desclée de Brouwer, 1962 p. 323 ss

5

(Alguns) estão sujeitos com tantos crimes tão numerosos e grandes, que se desesperam de ser perdoados. Mas, se considerarem que o Cristo sofreu não por ele, mas pelos pecadores, reencontram esperança e são curados do desespero. Assim, pela Cruz, o Cristo curou os presunçosos, porque sofreu, sendo inocente; e os desesperados porque sofreu pelos pecadores.

Bernard de Clairvaux Parole VI in St Bernard de Clairvaux, Les combats de Dieu, Ed Stock 1981 p. 160

6

Pode acontecer que a oração choque com uma falta de coragem espiritual, e com um temor excessivo. E isto acontece normalmente, quando a pessoa toma de tal forma consciência de sua indignidade, que deixa de voltar os olhos para a bondade de Deus. Ora o abismo atrai o abismo: o abismo da luz atrai o abismo das trevas, o abismo da misericórdia atrai o abismo da miséria: O coração do homem é profundo e insondável. Mas se a minha iniquidade é grande, muito maior ainda, Senhor, é a tua bondade. Então, quando acontece a minha alma se perturbar comigo mesmo, lembro-me da imensidade da tua misericórdia, e retomo coragem; e quando vejo minhas capacidades, não quero me lembrar só da tua justiça.

Bernard de Clairvaux, Sermon pour le Carême 4,3, in St Bernard, Sermons pour l'année, Brepols /Les Presses de Taizé 1990 p 264

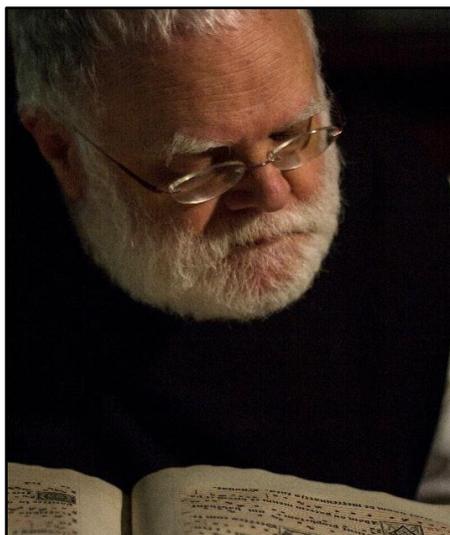
7

O pai tinha mais pressa em dar seu perdão ao filho, do que ele para o receber. Era tão grande sua pressa em libertar o culpado dos remorsos, que dir-se-ia que este pai misericordioso sofria mais com sua comiseração, do que o filho miserável com sua miséria! Falando assim, (...) só queremos que o nosso amor se torne mais cheio de ternura para com a soberana Bondade, que descobrimos nesta parábola, que nos ama mais do que nós nos amamos a nós mesmos.
Guerric d'Igny, Deuxième Sermon pour le Carême 1, in Guerric d'Igny, Sermons t. II, Cerf 1973 p.27 ss



QUATRO PENSAMENTOS

1



Brother Lawrence Morey (Gethsemani)

Data de nasc. 4 de Fevereiro 1954

Data de entrada 26 de Outubro 2004

Email: br.lawrence,morey @ gmail.com

A literatura monástica oferece um grande leque de textos sobre o desejo. Há as raízes das paixões, que nos prendem ao mundo, as coisas verdadeiras que nos separam de Deus e que impedem todo o progresso. Contudo, como a parábola o mostra, o desejo tem duas facetas.

No primeiro caso o filho é incitado pelo desejo (concupiscentia) a fazer a experiência do mal e do bem. Note-se bem que Concupiscentia está dirigida para o interior. Brota da vontade e tem um fim específico a atingir. Neste caso, o filho faz a experiência do mal através de uma multidão de atos que implicam o orgulho, a curiosidade, a sexualidade e tudo o que vai junto com tudo isto. Esta faceta do desejo satisfaz a ideia errada do filho, sobre o que ele pensa ser-lhe vantajoso, mas tudo leva à catástrofe.

No segundo caso, a esperança é um dom do pai, “um cavalo chamado Desejo” (desiderium). O cavalo é considerado um animal forte. Pode facilmente carregar uma pessoa. A esperança põe o filho em cima do cavalo, mas depois é o cavalo que faz tudo. As virtudes adquiridas são: o temos, a prudência, a discrição, a temperança, e estas virtudes são o guia. Mas é o cavalo que faz o movimento. E mais importante ainda, o filho não é a fonte deste desejo, e também não é o guia. O desejo e as virtudes são dons do Rei. E, ao contrário da concupiscência, não provêm da nossa vontade própria.

No meu itinerário monástico, descobri que Deus colocou sua vontade no meu coração, sob a forma de meus desejos mais profundos. E se eu seguir esses desejos, sigo a vontade de Deus. E como o filho do rei, tenho de ter o cuidado em discernir entre a concupiscência e os meus

desejos mais profundos. É um trabalho árduo. Mas só o desejo, que tem o poder e que está bem enraizado, pode fazer-me avançar, atravessar as provações e fazer-me andar para a frente. É um dom que Deus me deu.

2



P. Loris Maria Tomassini (Frattocchie)

Nasc. 22 de Novembro 1961

Entrada 31 de Maio 1990

Email: noviziato@trappisti.org

A vida monástica é um caminho de liberdade a descobrir e a conhecer, que não acaba nunca. É uma aventura fascinante do Espírito Santo.

Entrei no mosteiro para procurar a Deus, e descobri muito mais do que pensava; É Deus quem me procura na vulnerabilidade da minha fraqueza e dos meus limites. Ele me aceita como sou, para me tornar como Ele quer, hoje, neste dia que me é dado, aqui, e não noutra lugar: esta é a “terra santa”, aonde ele vem me visitar sem cessar.

É um caminho que nasce do fato de me ter apaixonado: “Fui seduzido e deixei-me seduzir” (Jer. 20,7). Isto nem sempre foi fácil. Minha comunidade passou por momentos difíceis, sofri, senti-me desorientado. Ao longo do caminho houve luzes, graças, consolações e também lutas, dificuldades e desolações. Mas é assim que se avança e se cresce.

O tentador está ao nosso lado para nos desanimar, nos censurar a nossa pobreza. É preciso não desanimar, mas ir para a frente e lutar, pois a luta é vida.

O desejo sempre foi como um motor, que me fez ir para a frente: desejar ver o seu rosto, essa plenitude de amor, que é a santidade. Nunca se deve renunciar a desejar grandes coisas, mesmo se são difíceis e exigentes. Cada um receberá conforme a sua sede. Só a santidade é vida plena e, portanto, feliz.

O que me ajuda, especialmente nos momentos mais difíceis, é lembrar o meu encontro com Deus, o olhar de Jesus cheio de amor, que me fez sentir a doçura de sua misericórdia e de seu

perdão. Este exercício da memória de Deus é fundamental para reavivar o desejo de sempre ir mais para a frente, e de não ser tomado pela acédia.

3



Irmã Maria Angélica Torres Soto

Nasc. 2 de Julho 1951

Entrada – 1 de Janeiro 1986

Email: mtquilvo@gmail.com

Ao longo desta viagem, descobri que apesar de meus profundos esquecimentos dele, mas ele nunca me largou; fiz a experiência do Bem e do Mal, mas a minha procura foi sempre o SENHOR. O mundo é um só, alternância contínua entre o afastar-se do nosso Pai, e voltar. A fé que me sustenta é esta: voltarei ao Pai até ao fim dos meus dias, quando então essa volta será definitiva, e não uma alegoria. Amor misericordioso e gratuito, imerecido.

Olhei minha vida. Deste-me pais, irmãs, sobretudo minha mãe que me ensinou, com sua vida, a discernir, a perdoar, me ensinou o amor incondicional, e a Fé.

Conheci o mundo, outras realidades, a contradição entre o dizer e o fazer. Experimentei a juventude, ser guitarrista, fiz estudos responsáveis, vivi a rutura radical com a ditadura do país. No meio dos meus esquecimentos, percebia uma verdade “VERDADEIRA”.

Tive alguns sucessos, pareciam importantes, mas em mim subsistia como um copo vazio a precisar de ser cheio.

Com este Filho do Rei, conheci a desolação de não te possuir. Passei pelo afastamento, pelo esquecimento, duvidei da tua existência, dei mais valor à inteligência humana.

A volta: um grito à tua procura, andei, durante anos, por caminhos que pudessem me aproximar, caminhos orientais, fascinantes. Caí na desolação, da rutura contigo, consciente e dolorosa. “... quem irá? Quem de entre nós ira?” A oração montada no cavalo da Fé... a Caridade da Rainha do céu chegou e desceu, a Luz voltou.

Assim cheguei ao Mosteiro, o copo vazio desde há anos, encheu-se, descobri que faltava a Encarnação de Deus: Jesus Cristo. Um Deus incarnado, totalmente próximo.

Agora, nesta vida monástica, acontecem ainda as alternâncias, mas de maneira diferente, com a Fé que me dá a certeza de que sempre voltarei ao Pai.



Irmã Marie-Benoît Bernard (Rivet)

Data de nasc. 2 de Agosto 1969

Entrada 7 de Outubro 1999

Email: s.marie-benoit@orange.fr

Na nossa igreja abacial, justo por cima das nossas estalas, está um capitel do séc- 12 que representa um monge atacado, à direita, por um animal que tenta mordê-lo, e, à esquerda por um homem que tenta puxar-lhe a orelha. O monge defende-se destes dois assaltantes com seus braços. Tem os olhos abertos, levantados para o céu: está literalmente crucificado neste combate, e “no entanto” alguma coisa sai do seu rosto, uma paz profunda, uma luz.

Ter continuamente este capitel em cima das nossas cabeças, durante o ofício, não coisa banal... Penso muitas vezes naquele que o esculpiu: será um auto-retrato, uma experiência pessoal? Quando era noviça, lembro-me como essa escultura me impressionava, porque era de um realismo surpreendente de verdade, e, no fundo, essa escultura dava também segurança, era normal e até encorajadora, porque a vida de oração e da comunidade, é isso “à medida que se avança na vida monástica e na fé”: um desafio, uma aventura, uma conquista da nossa capacidade para fazer crescer o melhor de nós mesmas, para afastar o mal e escolher o bem.



“ O combate espiritual “é tão brutal como a guerra dos homens” dizia Christian de Chergé, parafraseando o poeta Rimbaud. É evidente, a minha vida, e meus combates não são uma romance de cavalaria, mas reconheço minha própria experiência na experiência descrita por Bernardo na sua parábola, pois as armas do combate espiritual usadas, são as mesmas, assim como é a mesma a graça que nos dá a certeza da vitória: a misericórdia de Deus, que, acho eu, é o que o monge do capitel olha com doçura e alegria interior, como uma chance única, um final feliz.

PARA SEU CADERNO PESSOAL

1. Escreva três pontos, ou ideias, que este dossier fez surgir em você, e que gostaria de se lembrar.
2. Se achar bem, escreva uma resposta pessoal sobre os pontos estudados neste dossier. Bastam 250 palavras.
3. Se quiser partilhar essa sua resposta, pode enviá-la ao Padre Michael Casey (Tarrawarra): experientia.editor@gmail.com. Se quiser, pode juntar uma foto de você, com seu nome e direção do mosteiro, sua data de nascimento, a data de entrada e seu mail.

ALGUMAS LEITURAS PARA APROFUNDAR

Michael Casey: Saint Bernard of Clairvaux: The story of the King's Son
CSQ 18.1 1983 pág 16-23
Henri Rochais (Ed.) Saint Bernard de Clairvaux: Les Combats de Dieu
(Paris : Ed Stock 1981)



UNIDADE TRÊS

**O DESEJO LIBERTO DOS
DESEJOS**

O DESEJO LIBERTO DOS DESEJOS

Nesta unidade abordaremos um dos temas mais fundamentais da espiritualidade monástica: o Desejo de Deus. Este Desejo apresenta dois aspectos importantes, que não tardam a aparecer quando refletimos sobre eles. O primeiro aspecto é o fato que um Desejo de Deus está misteriosamente presente em toda a pessoa humana; não é fruto de uma escolha. Como nos lembra a famosa citação de Sto Agostinho nas Confissões, nós fomos criados para a união com Deus, e os nossos corações estão inquietos enquanto não repousam em Deus. Nosso trabalho é “des-cobrir” este Desejo, que muitas vezes está escondido debaixo de uma multidão de pequenos apetites inatos, ou adquiridos. O segundo aspecto é a necessidade, para viver deste Desejo de Deus, de estabelecer uma ordem de prioridades. Devemos dar a primazia ao Desejo de Deus em relação aos outros desejos, que lhe fazem concorrência, e que solicitam a nossa atenção. Estabelecer esta prioridade, a favor do amor de Deus (*ordinatio caritatis*) é a razão pela qual nos engajamos no combate espiritual. O desejo de Deus deve ficar livre dos outros desejos que lhe fazem guerra.

As MEDITAÇÕES de Guillaume de Saint Thierry são, na origem, grandes orações de devoção, escritas para guiar os noviços. Cheias de fervor e de lirismo, estas efusões do coração contêm muitas citações bíblicas, que fazem a ligação entre elas. Os sentimentos aí expressos, podem parecer exagerados, se forem proclamados a alta voz, mas essas meditações são para uso privado. A SETIMA MEDITAÇÃO é uma introdução à oração. Não é um tratado, o objetivo é tentar formular em palavras o Desejo de Deus, que nos fez entrar no mosteiro e que está subjacente a toda a nossa vida monástica. O corolário deste re-conhecimento é a consciência da nossa necessidade de lutar contra os desejos, que lutam contra o desejo de Deus, e também, contra o sentimento forte da nossa indignidade, diante das nossas falhas. É necessário uma leitura lenta e orante.

PERGUNTAS PARA REFLETIR

- 1 – São Bento dirige sua Regra àquele que ama a vida e deseja ver dias felizes. Como é que este desejo se expressa na minha vida? Encontrei resistência a esse Desejo fundamental de viver? Que tipo de resistência (s) foi concretamente?
- 2- Sei discernir o Desejo espiritual em relação aos outros desejos? Lembro-me de períodos em que esta capacidade do Desejo foi mal usada, dispersada ou desviada, a favor de outras atividades, como o trabalho, os estudos, ou as relações? Alguma vez foi escondida atrás da murmuração, da crítica, da alienação? Em tais situações alguma vez senti os outros desejos como fardos, pesos?
- 3 – Em que ocasiões fiz a experiência de reencontrar o desejo espiritual?
- 4- Alguma vez fiz a experiência, ou vi nos outros, essa ausência de sentido, que a tradição monástica chama de acédia? Reconheci sinais de depressão, de falta de fervor ou de desânimo? Quais são as causas dessa insatisfação / tristeza? Como é que a comunidade reagiu diante disso?
- 5 – Ao longo de diferentes períodos da minha vida, minha comunidade me tornou mais consciente desse Desejo fundamental? A comunidade foi um meio que dinamiza, sustenta, encoraja e promove esse Desejo? Em outras ocasiões a comunidade teve um efeito negativo sobre o meu desejo? De que modo meu Desejo tem efeito positivo sobre meu modo de agir em comunidade?
- 6 – Minha lectio divina ajuda a despertar, interpretar, curar ou guiar o meu Desejo?

7 – O que é que eu aprendi quando os meus desejos ilusórios não foram satisfeitos, ou levaram a resultados negativos?

INTRODUÇÃO À MEDITAÇÃO SETE



Dom Guillaume Jedrzejczak (Mont des Cats / Valserena)

Data de nasc. 15 de Março 1957

Data de entrada 20 de Agosto 1982

Email: frère.guillaumemdc@yahoo.fr

A Libertação do Desejo

“Senhor, eu vos amo mais que tudo... em geral. Mas neste pequeno minuto que passa, amo mais um cigarro inglês...ou uma cerveja”. Esta frase cheia de humor de Madeleine Delbrel expressa maravilhosamente a extraordinária complexidade do desejo humano. De fato, é contra esta rede emaranhada dos desejos contraditórios, que cada um de nós experimenta, que nos confrontamos desde a infância. A tradição monástica vai-se interessar, justamente, por este mistério do desejo. A Regra de São Bento pode ser lida como um longo trabalho de discernimento dos desejos, para, finalmente acabar na descoberta desse Desejo profundo que dorme no fundo do nosso coração.

Quando pensamos em vocação monástica, referimo-nos muitas vezes ao cap. 58, que parece oferecer um conjunto de critérios: procurar verdadeiramente a Deus, ser fervoroso para o Opus Dei, acolher as humilhações, ser pronto para obedecer. Mas eis o que acontece... muito depressa descobrimos que outras realidades, às vezes inconfessáveis, se opõem, em nós, a esses belos desejos. Experimentamos na nossa carne, no nosso coração, que os quatro tipos de monges, descritos por S. Bento, no cap. 1, são as múltiplas facetas sob que se esconde a força do nosso Desejo. Queremos viver sob uma regra e um abade, mas chocamos com os desejos do nosso coração. E, no entanto, devemos voltar ao Prologo da Regra para entender a importância do Desejo na nossa vida. Bento, quando procura definir a vocação monástica, faz uma pergunta tirada de um salmo “quem é aquele que ama a vida e deseja a felicidade?”

A vocação de todo o monge, de todo o cristão, é descobrir e libertar, no mais profundo de si mesmo, esse amor pela vida, esse gosto da felicidade, cujo sentido verdadeiro nos revelam as Escrituras. De fato, se a Bíblia repete várias vezes o convite de Deus no Deuteronomio:

escolhe a vida e não a morte, é que esta escolha não é assim tão evidente. Freud tem razão quando diz que há um instinto de morte que aflora, às vezes, nas nossas escolhas pessoais, ou comunitárias. Quanto ao gosto pela felicidade, Jesus o assume várias vezes nas Bem aventuranças. É sobre este apelo a tornarmo-nos vivos e a sermos felizes que Bento constrói o seu convite para a viagem interior. A estabilidade monástica, ajudando-nos a não nos dispersar, permite, essencialmente, que consagremos toda a nossa atenção a esta viagem, nos vales profundos do nosso coração.

Esta viagem interior, esta exploração dos meandros onde se perde a capacidade do Desejo, este auto conhecimento, não podemos fazê-la sozinhos. É necessário o olhar benevolente de um ancião e de nossos irmãos, para abordarmos sem medo o nosso coração. Pouco a pouco, as más razões que guiaram nossas escolhas, aparentemente livres, vão se revelar à luz crua do evangelho. Podemos carregar o que descobrimos, porque outros nos carregam, e muitas vezes nos suportam. A paternidade espiritual a amizade fraterna, como o sorriso benevolente dos anciãos, são essenciais para ousarmos enfrentar os medos, as dúvidas, as fragilidades que nos minam; mas também para descobrir, maravilhados, como Deus nos precedeu, escolheu, sem darmos por isso. É então que poderemos reconhecer que o Desejo de um Outro nos precedeu, veio ao nosso encontro, nos protegeu. “Nisto consiste o amor, foi Ele quem nos amou e por primeiro”.

É isto que São Bento quer expressar, quando evoca a fórmula de profissão monástica no cap. 58. O monge é aquele que consente ser acolhido: “Recebe-me Senhor segundo a tua palavra e viverei, e não confundas a minha esperança”. É então, e só então, que os votos monásticos revelam o seu verdadeiro sentido. São os instrumentos da libertação do nosso verdadeiro Desejo, libertando-o da dança dos desejos que obscurecem o coração do homem. A obediência não tem nada a ver com submissão, mas é sobretudo a desobediência às paixões e às pulsões que reinam no nosso coração. Vamos finalmente poder voltar àquele de quem nos afastamos pela desobediência. A pobreza não tem nada a ver com o desprezo pelas coisas e pelos esplendores do mundo. Expressa sobretudo essa tomada de consciência que somos, valemos mais que todas as coisas, que todas as ambições, os ciúmes, as rivalidades, porque nada, absolutamente nada poderá cumular o nosso Desejo. A castidade não tem nada a ver com o medo da carne e da afetividade, mas é essa experiência perturbante e humilhante da fragilidade do nosso ser dividido, e que só a graça pode reconciliar. Toda a Regra, nos seus mais humildes conselhos, torna-se então esse pedagogo, que nos acompanha sobre os caminhos da libertação do Desejo.

Neste caminho de libertação, a Palavra de Deus vai tornar-se pouco a pouco nosso companheiro, nosso amigo, nossa consolação. Moisés estava repuxado entre o desejo de ver a Deus e o medo de morrer. Davi deixou-se enganar pelas paixões e experimentou as consequências terríveis da sua cegueira. A grande sabedoria de Salomão não bastou para o proteger das tentações dos ídolos. A mulher adúltera, o ávido Zaqueu, e o impetuoso Pedro fizeram a experiência, que nós também fazemos, do olhar de Jesus que salva e pacifica. Nestas confusões do desejo, que a Escritura põe diante de nós, podemos fazer a experiência da nossa comunhão na cegueira, que pode tornar-se comunhão na graça da salvação. E podemos dizer com o apóstolo Paulo “é quando sou fraco, que sou forte” As Escrituras nos ensinam que o descoberta que fazemos de nós mesmos, vai junto com a descoberta que fazemos de Deus. Ao revelar-se a nós, Deus revela-nos igualmente a nós mesmos. Pois o mistério do desejo que aumenta em nós, é o reflexo longínquo do desejo de Deus por cada um de nós, um desejo que tem o rosto de Jesus.

GUILLAUME DE SAINT-THIERRY

Meditação Sete: O desejo de ver Deus

SETE BREVES TEXTOS

1

A primeira maneira de amar é um desejo que vem do amor, agindo. Este desejo deve reinar muito tempo no coração antes de ser capaz de expulsar eficazmente toda a resistência. Deve operar com firmeza e circunspeção e crescer virilmente nesse estado. Esta maneira é um desejo que provém, incontestavelmente, do amor: de fato, a alma boa que quer servir eficazmente nosso Senhor, segui-lo piedosamente, e amá-lo verdadeiramente, é irresistivelmente atraída a estabelecer-se e a permanecer, morar, na pureza, na liberdade e na nobreza que o Criador lhe deu, fazendo-a à sua imagem e sua semelhança. Eis o que a alma deve amar intensamente e tratar com todo o cuidado.

Béatrice de Nazareth, Des sept degrés de l'amour de Dieu. La première manière d'aimer, in La vie de Béatrice de Nazareth, Oka : Abbaye Notre-Dame du Lac 2009 p.193

2

Há uma outra maneira de ver a Deus, muito diferente daquelas, porque é mais interior. É dada, quando Deus se digna, por seu próprio movimento, visitar a alma que o procura. Mas só a alma que se dedicou a esta procura, com todo o seu desejo e com todo o seu amor. Eis o sinal desta vinda de Deus, como aprendemos de quem já a experimentou: “Um fogo avançará à sua frente, e queimará os inimigos que a rodeiam”. Convém, de fato, que o ardor de um santo desejo preceda a face de Deus, na alma onde ele mesmo vai vir; um ardor que consuma a ferrugem dos vícios, e prepare assim um lugar para o Senhor. A alma sabe que o Senhor está perto dela, quando se sente abrasada com este fogo.

Bernard de Clairvaux, Sermon sur le Cantique, 31,4 in Bernard de Clairvaux, Sermons sur le Cantique, T. 2, Paris : Cerf 1998 p.433 e ss

3

O pôr em prática o santo desejo da santa resolução supõe uma maneira de exercitar o corpo e a alma para sustentar o desejo do espírito contra o da carne. Isto exige um pôr-se de acordo com o espírito, em vista da justiça, recusando consentir com a carne contra a justiça. O desejo e a resolução, que diz respeito à justiça, e sua indefectível execução, fazem que aconteça o santo ódio contra a cobiça da carne. Esta leva à injustiça por meio do desejo e à resolução de fazer o mal, e realiza-o excluindo o desejo e a resolução de fazer o bem.

Baudouin de Forde, Sermon 18,72 in Baudouin de Forde, Grâce et beauté de la Vierge Marie et autres sermons, Tome II, Oka : Abbaye Notre-Dame du Lac, 2004 p.142

4

As cobiças do mundo são três: a vaidade, a sensualidade e a ambição. As cobiças do mundo consistem em desejar dar na vista, os prazeres sensuais e as honras. Estas são as três coisas que as pessoas do mundo desejam. Querem dar nas vistas com a elegância das roupas, a velocidade dos cavalos, o voo rápido os pássaros (aves de rapina) a inteligência dos cães ou o

espetáculo dos jogos. Todas estas coisas são vãs e sem consistência, e sem verdade. Desejam também os prazeres sensuais que acham nas comidas refinadas, nas bebidas variadas, na satisfação das paixões desregradas e outras coisas semelhantes. Desejam ainda as honras do mundo, tais como a dignidade real, um título honorífico (conde), a função episcopal e outras dignidades semelhantes.

Aelred de Rievaulx, Sermon pour l'année, 31,20 in Aelred de Rievaulx Sermons pour l'année, 3, deuxième collection e Clairvaux, Sermons 29 a 46, Oka : Abbaye Notre-Dame du Lac, 2002, p.53

5

Os nossos desejos, quanto ao essencial, consistem em três coisas: o bem, o útil, o agradável (quod decet, quod expedit, quod delectat). Sim, é isso que desejamos, e cada um deseja essas três coisas; mas um deseja mais uma, o outro deseja uma outra. Um busca o prazer, a ponto de não se contentar nem com o que é honesto, nem com o que é útil. Outro concentra-se no que acha bom para si, no lucro, negligenciando a honestidade ou a satisfação. Um outro pensa menos no prazer, ou na utilidade, pois quer antes de mais a honra.

O desejo destas três realidades não é censurável, contanto que as procuremos aonde podemos verdadeiramente encontra-las. Pois lá onde elas se situam verdadeiramente, são uma só e mesma coisa: o bem supremo, a glória suprema, a utilidade suprema, o gozo supremo. Sim, é verdade, eis realmente o que esperamos: ver em nós a majestade de Deus, tal como nos foi prometido, para que em todos Deus seja tudo: toda a satisfação, todo o proveito, toda a honra.

Bernard de Clairvaux, Pour la Vigile de Noël, V,7, in Saint Bernard, Sermons pour l'année, Brepols / Les Presses de Taizé 1990 p.111

6

Por que vais embora bom Jesus ? Por que desapareces? Por que dececionas a tua bem-amada no seu desejo? És tu que fazes surgir esse desejo, e tu a privas de se deleitar nele. Será que isso significa que, assim, tu levas o seu desejo a uma avidez maior, a um desejo mais ardente – tirando-lhe esta abundância que é a tua presença? Sim, é bem assim. Estes jogos do amor inflamam ainda mais o amor, e, dececionando-o, acumulam-no ainda mais.

Gilbert de Hoyland, Sermon sur le Cantique des cantiques, 43, 3 in Gilbert de Hoyland, Sermons sur le Cantique des cantiques, t II: Sermons 21 a 47, Oka: Abbaye Notre-Dame du Lac 1995 p.333

7

O espírito da razão (razoável) foi criado para se alegrar e se deleitar com Deus, de Deus e de todas as coisas, só nele. Em verdade foi criado com razão para procurar a Deus em si mesmo e em todas as coisas; foi criado concupiscível para o amar e o desejar só a ele; foi criado irascível para excluir tudo o que se opõe a esta contemplação e a esta deleitação, conforme a palavra: “Para que ele saiba”, por meio do razoável, “condenar o mal”, pelo irascível, “e” pelo concupiscível “escolher” o bem.

Isaac de l'Etoile, Sermon 25,5 in Isaac de l'Etoile, Sermons, tome II Paris: Cerf, 1974 p.119

QUATRO PENSAMENTOS

1



Irmã Magdalena Aust (Mariafrieden)

Nasc. 1946

Entrada 1971

Email : sr.magdalena@mariafrieden-ocso.deu

Os novos que chegam ao mosteiro ficam muitas vezes surpreendidos, ou mesmo assustados, quando encontram membros da comunidade de uma certa idade, que falam do desejo da morte, desejosos de “ir para o céu”. Durante longos anos de procura de Deus, aprenderam que ninguém pode ver a Deus e ficar vivo, como o Senhor disse a Moisés. A morte é a porta, a passagem obrigatória para entrar na vida verdadeira. E, de fato, podemos muitas vezes reconhecer um pouco desta graça última, brilhar no rosto dos nossos mortos muito amados: paz serena e beleza, uma espécie de transfiguração.

Deus quer-nos belos, pois Ele mesmo é beleza, e neste último encontro “face a face”, ele restaura a imagem dele, que ele criou outoa. Ter sede de Deus é descrito como o desejo deste encontro “face a face”. Esta impaciência é tão forte, que despreza todas as coisas desta vida, e até a própria vida, por amor da Sua face.



Por conseguinte o Abade Guillaume esforça-se pela humildade, por fazer a verdade nele mesmo: “Ensina-me, ó Sabedoria eterna, pela iluminação do teu rosto, como é esta face que é tua e que é minha” e à luz da tua verdade, desta face, caminharei conforme os julgamentos da tua retidão. Mas o conhecimento da tua divina majestade, durante esta vida, é conhecido pelo não conhecimento.

A miniatura mostra-nos um monge em oração e os dois rostos são semelhantes. O monge torna-se, pouco a pouco naquilo que ele olha, no que contempla.

2



Ir. Maria Presentación Lite Magaña (Tulebras)

Nasc. 29 de Outubro 1949

Entrada 24 de Setembro 1974

Email: presenlite@gmail.com

Guillaume tinha convertido num impulso, sem repouso, ativo, a primeira motivação, que São Bento quer ver naquele que quer tornar-se monge. **“Se procura verdadeiramente a Deus”** (RB 58,7)

A noção de coração iluminado é uma das expressões em que se refletem os diversos modos de sua experiência interior, a contemplação do rosto de Deus. Deus manifestou largamente, nos textos da revelação, o seu desejo de abrir-se, de iluminar de comunicar a todos a imagem e a semelhança do seu ser, de sua própria vida divina. A esta luz, Guillaume tem a temeridade de pretender contemplar face a face o rosto de Deus amor, diante do qual o rosto humano é mais sujeira, obscuridade, pecado que devia fugir, esconder-se, desaparecer, como fez o primeiro homem. Guillaume ajuda a pôr os pés no chão. Diante do conhecimento de sua própria indignidade e da claridade do rosto de Deus, ele se interroga: “E se me perguntares, como a Pedro: Amas-me? - Senhor, tu sabes que eu quero amar-te e que o meu coração não quer outra coisa, senão amar-te”. Mas Guillaume vê também, no fundo do seu ser, pequenas raízes de aspirações que manifestam que a sua humildade não é totalmente transparente. Nesta meia obscuridade, Guillaume toma consciência, à luz irradiante do rosto de Deus, que ele não é humilde, e mostra-nos a necessidade de chegar a um profundo conhecimento de si mesmo, antes de aspirar a transparência total da luz de Deus. “Conhece-te a ti mesmo” para descobrir a raiz dessa claridade obscura que se supõe estar no coração. Guillaume pede insistentemente: “Oh visão desejável! Mostra-me em que consiste o encontro face a face”. Parece que não é possível na vida presente, mas o que salva o povo, não é “o seu braço, mas a tua direita e a luz do teu rosto” (Sal 43, 4) A partir daí Guillaume enche-se de coragem para pedir ao Senhor que esse olhar divino ilumine a sua consciência e decubra nela “que o teu rosto e a tua face são o conhecimento da tua verdade”.

Na sua ascensão mística, Guillaume penetra na nuvem, na face luminosa do não-saber. “A visão ou a ciência da tua divina Majestade, na vida presente é mais uma ciência por ignorância; não é pela ciência que se sabe alguma coisa. E nisto consiste o auge da ciência na nossa vida”. É nesta linha que se desenvolve o tratado de Guillaume sobre o Enigma da Fé.

Enquanto caminhamos com Guillaume, podemos rezar com ele, e como ele: “Ó visão desejável! Meu rosto te procura. Procuo o teu rosto, peço-te não o afastes de mim”.

3



Dom Samuel Lauras (Nový Dvur)

Nasc 1954

Entrada: Sept-Fons 1983, (Novy Dvur 2002)

Email: experientia@novydvur.cz

Como jovem monge sentia repulsa pela distância cultural que nos separa dos autores cistercienses. Graças aos comentários de teólogos da Idade Média, compreendi que podiam trazer-me muito, se eu entrasse em relação com o texto – fazer a experiência do autor - com a experiência da minha vida monástica no que ela tem de mais concreto e de mais sincero. Vejamos dois temas:

A procura do rosto do Cristo e a humildade. Procurar conhecer o Cristo, acreditar que é possível viver na sua presença, amá-lo para além dos obstáculos, que estão em nós, e que a humildade ensina a conhecer e a aceitar, para além da obscuridade da fé que se ergue diante de nós... O que é que nos atraiu para o mosteiro e motiva as nossas escolhas diárias, a nossa fidelidade e a nossa perseverança? Pode-se procurar neste texto alusões ao cap.7 da Regra.

Luz e obscuridade. Duas pessoas que se enfrentam não podem caminhar na mesma direção. Caminhar no seguimento de Cristo exige consentir vê-lo de costas (cf VII,9). Aqui vê-se bem a fé que sustenta a nossa caminhada. Esta obscuridade, que vem da nossa “cegueira”, não está isenta da luz recebida pelos nossos predecessores (cf VII 10), os santos, igualmente os nossos anciãos (ãs) É uma grande lição e uma grande arte: sustentar-se mutuamente, sem pretender olhar-se face a face , ara se ligar aos outros, mas antes para caminhar juntos e apegar-se ao Cristo, num autêntico desapego.



Thomas Xavier Davis (Vina)

Nasc. 27 de Outubro 1933

Entrada 28 de Janeiro 1951 (Gethsemani); 16 de Set
1955 (Vina)

Email: thomasxdavis@gmail.com txdavix@newclairvaux.org

Encontro isto – e a voz da minha consciência diz-me que está inteiramente de acordo - :o teu rosto, a tua face é o conhecimento da verdade. Teu povo, bem aventurado, ao voltar para esse lado a face da sua boa vontade, jubila de alegria no espírito no Espírito Santo, (Guillaume de Saint-Thierry, Medit.7,6).

“Uma face de boa vontade”, esta expressão chamou-me a atenção. Quando tenho dificuldade para, verdadeiramente, pôr em prática esta boa vontade, essencial para o bom zelo (RB 72), os acontecimentos que aparecem diariamente na vida monástica, têm todo o sentido. Uma boa vontade ajuda-me a eliminar os desejos inapropriados, ou a orientar outros desejos para a paz interior e para uma vida em comunidade equilibrada. Uma boa vontade ajuda-me a viver autenticamente na verdade e com honestidade. Penso que o bom zelo surge desta experiência. É a face que quero apresentar a Deus. Na meditação 3, Guillaume de Saint Thierry faz uma distinção entre o rosto de Deus: “bom” o que Deus é, e a face de Deus, “a bondade”: o que nos atrai para Deus. Fazer todo o possível para ter uma boa vontade com o bom zelo é muito exigente, sobretudo quando vai contra o eu muito enraizado na vontade própria. Aqui, por meio da vontade boa, o desafio evangélico entra na minha vida: a humildade, ou seja morrer a mim mesmo, pegando a cruz. A bondade divina está sempre presente diante de mim. Lutar para ter uma boa vontade simples, cheia de zelo, poe-me em contato com a bondade de Deus, e isso mantém meu rosto junto do mistério da face de Deus.

PARA O SEU CADERNO DE NOTAS

- 1 – Escreva três pontos ou ideias que este dossier fez surgir em você, e que gostaria de guardar na memória.
- 2 – Se quiser, escreva uma resposta pessoal sobre os pontos estudados neste dossier. Bastam 250 palavras.
- 3 – Se quiser partilhar o que escreveu, pode enviar ao P. Michael Casey (Tarrawarra): experientia.editor@gmail.com Por favor acrescente uma foto sua, com seu nome, o endereço do seu mosteiro, sua data de nascimento, a data de entrada e seu mail pessoal.

ALGUMAS LEITURAS PARA APROFUNDAR

Michael Casey, *Désir et désirs dans la tradition occidentale* (Desire and Desires in Western Tradition) *Tjurunga* 71 (2006) p 62-92 Em espanhol *Cistercium* 60, nº 250 (2008) pag 103-138

John Morson, « Chercher Dieu par le désir (Seeking God by Desire) *CSQ* 2.2 (1967) pag 175-186

Bernardo Olivera, « Notes sur l'Anthropologie du désir au service de la formation monastique » (Notes on the Anthropology of Desire at the service of Monastic formation) *Conférence aux Chapitres Généraux* 2005

Wharff, Jonah : « Bernard de Clairvaux et René Girard sur le désir et l'envie » (Bernard of Clairvaux and René Girard On Desire and Envy) *CSQ* 42.2 (2007) pag 183-207

UNIDADE QUATRO

IMAGO DEI

IMAGO DEI

Nesta Unidade vamos falar da antropologia cisterciense, a compreensão fundamental da realidade humana que está na base da nossa espiritualidade. Há muitos componentes diferentes neste ensinamento, que podem iluminar a nossa própria experiência.

- A reflexão teológica da imagem de Deus no texto do Gênesis.
- O tema do conhecimento integral de si mesmo.
- A dignidade de cada pessoa humana.
- A ideia que somos chamados a levar esta imagem à realização plena.
- O reconhecimento da resistência interna à ação da graça.
- Alguns autores seguiram Evágrio e Cassiano, vendo este princípio contrário como o resultado da presença inerente de demônios, ou de pensamentos que nos levam ao mal.
- A experiência da tentação.
- O ensinamento de Thomas Merton sobre a profundidade do Eu (Eu verdadeiro) diferente do Eu exterior, (falso Eu).

Isaac é um dos Padres Cistercienses mais acadêmicos e alguns dos sermões são muito profundos. No sermão apresentado nesta Unidade (Módulo), ele fala simplesmente do Evangelho do domingo, usando-o como pano de fundo para a sua meditação sobre a experiência da tentação, um tema propício para a quaresma. Usando o duplo sentido da palavra confissão, Isaac fala que sem o reconhecimento realista e a confissão dos pecados, não pode haver confissão de louvor.

PERGUNTAS PARA REFLETIR

1. Quem sou eu? Eu não sou os meus pensamentos, não sou os meus sentimentos. Não sou os meus problemas. De onde vêm os elementos da minha identidade: família, educação, amigos, experiências, vocação, posição na comunidade? Quais são os filmes, os romances, a música, a poesia, os meios de comunicação, a experiência da beleza, as perdas, os momentos traumáticos que contribuíram para a minha paisagem interior?
2. Como definir a experiência do meu eu, iluminado pela doutrina tradicional sobre os seres humanos criados (não se fizeram a si mesmos) à imagem de Deus (ad imaginem Dei) e, portanto, sua orientação para Deus?
3. Até que ponto minha identidade foi socialmente formada (conformando-se às expectativas dos outros: pais, educadores, superiores, amigos)? Até que ponto é que na minha vida experimentei a libertação dessas expectativas?
4. Tenho consciência de que os outros percebem, afirmam, respondem aos acontecimentos de maneira diferente de mim? Fico feliz com a identidade única dos outros? Ou isso me torna frágil? Até que ponto vejo a diferença dos outros (pessoal, ideias, aptidões etc) como uma ameaça à minha identidade e ao meu bem estar? Sinto a complementaridade como uma riqueza? Fico feliz por conseguir aceitar as outras maneiras de pensar, de fazer as coisas? Tenho uma grande necessidade de me afirmar, de expressar minha identidade por ações que me diferenciam dos outros?
5. Thomas Merton faz uma grande distinção entre o falso eu e o verdadeiro eu, ou o eu profundo. Consigo ver essa dualidade na minha própria experiência? Será que a vida

monástica me ajudou a ser mais consciente deste conflito potencial? Aceito que os outros vejam, às vezes, o meu verdadeiro eu melhor do que eu?

6. Como é possível ter um sentido profundo do meu eu, sem cair no individualismo (singularitas) Como é que reconheço e ultrapasso os meus demónios pessoais? Consigo aprender a viver em harmonia com os outros?
7. Como é que minha vida no mosteiro me ajudou, pela graça, e pouco a pouco, a me tornar a pessoa maravilhosa para que Deus me criou? Estou em paz com a lentidão do processo?



INTRODUÇÃO A ISAAC DE L'ÉTOILE



Dom Elias Dietz (Gethsemani)
Nasc. 6 de Dezembro 1959
Entrada: 6 de Junho 1988
Email: elias40051@gmail.com

“Muitas vezes tenho medo. A angústia não é somente uma lembrança má, mas é uma velha bruxa, a quem assinei um contrato de aluguel perpétuo, mesmo sem querer. Ela mora no armário das vassouras, e tento fixar-lhe limites. Ela é o meu pequeno Leviatan doméstico, que mesmo açaimado, ainda fala.”

Este testemunho de uma mulher do séc. 21, que sai de uma crise pessoal, é como um eco longínquo do que diz Isaac de l’Etoile, no séc 12, ensinando aos seus irmãos monges a vida interior:

“Quanto a mim, acho que conheço e reconheço muito bem o meu demónio interior. Não conheço nada tão bem como ele, porque nada me é mais nocivo. Nada me é mais familiar, pois nada me é mais habitual. Não ignoro que tipo de tentação me pressiona mais e mais violentamente...(Este demónio) é extremamente falador...; inventa fábulas intermináveis e absolutamente mentirosas. (7-8)”

Podemos chamá-lo Leviatan doméstico, ou demónio familiar; o que constatamos é que é uma experiência humana comum, que o mundo interior seja às vezes tão caótico, tão barulhento. Só o podemos explicar pela presença de alguém, ou de alguma coisa no interior de nós, que faz barulho. E quando este barulho é forte demais, bloqueia os ouvidos e prende a língua.

Isaac tira esta imagem do demónio familiar de uma passagem do Evangelho de Lucas, em que Jesus cura um homem possesso de um demónio (um demónio mudo) Luc 11,14 Conforme a interpretação de Isaac, o motivo porque o homem é mudo, é que o demónio monopolizou de tal forma o seu mundo interior, que ele não é mais capaz de entrar em relação consigo mesmo, nem com quem quer que seja ao seu redor. Isaac continua, confessando, que fez a experiência

da mesma dinâmica nele: (esse demônio) “muitas vezes apodera-se de meus ouvidos(...) e torna-me completamente incapaz de ler, ou de escutar uma leitura. Assim, falando-me sem parar, torna-me completamente mudo, faz-me estúpido e surdo” (8)

Como Isaac reconhece candidamente neste sermão, não há como fugir desses pensamentos, palavras e imagens que constantemente vão e vêm na consciência humana. Podemos diminuir-lhes o impacto, metendo-os no armário das vassouras, ou, como sugere Isaac, podemos combater-los com a ajuda de versículos de salmos imprecatórios. Mas, como ele próprio o admite, esta estratégia no côro (in concione psallo) é atacada pelo demônio, cantando seus pensamentos lisonjeiros (multa Concionatur):

Faz-me longos discursos às vezes sobre minha ciência, às vezes sobre minha piedade; ou então sobre minhas capacidades, ou sobre minha família, ou sobre meu charme, ou sobre minha eloquência, ou como sou distinto. (8)

As pessoas do séc. 21 tendem a considerar o conhecimento de si como um utensílio para se tornarem melhores, ou terem auto domínio. Para Isaac neste sermão, o conhecimento de si mesmo é diferente. Para ele esse conhecimento é inseparável do pecado e do fracasso. A expressão mais autêntica do conhecimento de si, é a confissão humilde. É assim que a compunção e a lamentação dos pecados são mais importantes do que a perspicácia psicológica. No coração da mensagem de Isaac está a noção patrística que a confissão já é louvor de Deus: “a confissão dá a beleza (a confissão torna-nos belos), e a beleza é um louvor” (10).

Quando a língua é bastante livre para confessar, pode então desenvolver toda a espécie de palavras, boas e portadoras de vida, livre do domínio do demônio “que prende a língua ao laço da cobiça, do temor e da vergonha” (19)

Para ficar dentro do contexto, é bom guardar na memória, que o sermão 38 não está isolado, mas vai junto com o 39. Os dois são um comentário da perícopes evangélicas do 3º Domingo da Quaresma, às vezes chamado “Jesus e Belzebu”. De certo modo os dois Sermões completam-se: um fala de olhar dentro de si mesmo, e o outro de olhar para fora de si. No sermão 38, Isaac concentra-se sobre os fariseus, que recusam atribuir a Jesus essa ação, e que, efetivamente, blasfemam contra o Espírito Santo, proclamando que é por Belzebu que Jesus expulsa os demônios. Isaac vê no demônio que prende a língua, a imagem da impenitência, ou a recusa de admitir o mal no interior de si (sermão 38); e vê nos fariseus a imagem da inveja, ou a recusa de olhar mais longe e de reconhecer o bem nos outros (sermão 39)

Num contexto mais amplo, é bom guardar no espírito que o sermão 38 está construído à volta de um esquema de conversão e de progresso, em três partes, como se encontra muitas vezes nos escritos de Isaac. Antes de mais em 38,11: “a disciplina faz que a contrição do coração esteja em primeiro lugar, depois vem a confissão com a boca, e depois a correção dos atos” De novo encontramos este esquema, ligeiramente modificado, em 38, 15 “Mas o começo da justiça do pecador é a confissão dos pecados, como está escrito, ‘os homens retos são os primeiros a acusar-se a si mesmos’. É depois que se pode louvar a Deus; e em terceiro lugar, pode-se ensinar seu vizinho”. No fundo, são as três etapas clássicas do progresso espiritual. Para Isaac, cada etapa é um passo para a integração no Corpo da Igreja, o Cristo total.

A luz deste ensinamento de Isaac, a noção de auto conhecimento, ou de verdadeiro eu, ou falso eu, parece um pouco individualista. Do ponto de vista de Isaac, encontrar-se a si mesmo e encontrar o seu lugar no Corpo Místico não se podem separar. Se você vê e reconhece sua verdade, seu coração é tocado pela compunção. Esta dôr salutar torna a pessoa livre e restabelece a relação com os irmãos e irmãs. E se você utilizar bem esta liberdade nova, você restabelece a relação na comunidade.

ISAAC DE L'ETOILE
SERMÃO 38: 1º Sermão para o 3º Domingo da Quaresma

SETE BREVES TEXTOS

1

Nobre criatura compreende a tua dignidade: não somente estás decorada com a imagem de Deus, mas embelezada com sua semelhança. Pois, assim como o teu criador que te formou assim, é caridade, bom, justo, suave, doce, paciente e misericordioso, tendo todas as qualidades que lemos sobre ele; assim tu foste criada para ter a caridade, para ser pura e santa, bela e linda, doce e humilde. Quanto mais tiveres essas virtudes, mais te aproximarás de Deus, mais chegarás a ser semelhante a ele.

Traité de la maison intérieure, chap. 39, 80, in Œuvres complètes de St Bernard, Traduction nouvelle par l'Abbé Dion, T. VI Paris, Louis Vivès, 1867. Pag 48 e ss

2

Feliz o homem que suporta a tentação. Isto não significa que seja uma felicidade fazer a experiência destes males; mas aguentá-los pacientemente, pelo nome do Cristo é um caminho para a felicidade. Feliz, de fato, o homem que suporta a tentação, não porque suporta a tentação, mas porque quando for reconhecido digno de estima, receberá a coroa da vida. A tentação é fogo; o homem é ouro. A menos de ter sido reconhecido digno de estima, tendo passado pela ação purificadora do fogo, será julgado apto para (receber um) diadema real. Aquele que for reconhecido digno de estima, receberá a coroa da vida, engastado como pedra preciosa na coroa do soberano Imperador. Que o labor não assuste aquele que se encantou com o fruto. E que aquele que quer ser coroado, aspire a ser reconhecido digno de estima; que saiba que só pode ser reconhecido tal, se aceitar conhecer a tentação. Pois está escrito: Aquele que não conheceu a tentação, não é reconhecido digno de estima.

Aelred de Rievaulx, Sermon 54,2, in Sermon pour l'année 4, collection Durham Sermons 47 à 64 Oka : Abbaye Notre-Dame du Lac, 2005 p. 100 ss

3

Para humilhar-se, a alma não pode achar nada de mais adequado, do que descobrir-se em verdade. Mas então, que não dissimule nada, “que não haja fraude no seu espírito”, “que se olhe bem face a face”, sem se afastar de si mesma. Olhando-se assim, à luz clara da verdade, não vai descobrir que está na região da di-semelhança? Gemendo na sua miséria, não poderá esconder a ela mesma que é verdadeiramente miserável, e não vai, então gritar para o Senhor com o Profeta: “Humilhaste-me na tua verdade”? Como não vai ser verdadeiramente humilhada por este verdadeiro conhecimento de si mesma? Pois ela vê-se “carregada” de pecados, sentindo o peso que a puxa para baixo sob a massa deste corpo mortal, presa nas preocupações terrestres, suja pela sujeira “dos desejos carnis”, cega, encurvada, doente, envolvida por tantos erros, exposta a mil perigos, tremendo com mil medos, angustiada por mil dificuldades, exposta a mil desconfianças, aflita com mil necessidades, inclinada para os vícios, incapaz de virtude. Onde virá ainda a “audácia de levantar os olhos”, de onde a coragem de erguer a cabeça?

Bernard de Clairvaux, Sermon sur le Cantique, 36,5, in Bernard de Clairvaux, Sermons sur le Cantique, T 3, Paris Cerf 2000 p. 117

4

Sabeis bem, irmãos, que a primeira rebelião começou com o orgulho do diabo, que preferiu dominar em vez de se submeter. Ora, quem se eleva será humilhado; por conseguinte, aquele que ambicionou os cumes, foi precipitado nos abismos. Mas mesmo assim, não renunciou à sua paixão de dominar; pelo contrário, escolheu um trono nos corações gelados de mortais e instituiu, para si mesmo, entre seus companheiros de malícia, Principados e Poderes, Mestres deste mundo de trevas e dos espíritos do Mal; e fez de cada uma de suas tropas instigadores de cada vício em particular. Daí vem que uns se divertem com as seduções miseráveis da comida, o que lhes vale o nome de espíritos da gula. Outros comprazem-se com as ignomínias dos desejos carnis, e chamam-se espíritos de fornicção. Outros inflamam os humanos com os ardores da cupidez e chamam-nos espíritos da avareza. Há também os que são chamados espíritos de cólera, infetam os pensamentos dos infelizes com os agulhões da impaciência. Mas há também os espíritos da acédia: este nome vem de sua ocupação, que é tornar os mortais incapazes de ficarem quietos. Alguns chamam-se espíritos de tristeza: muitos conseguem mergulhar os mortais numa espécie e abatimento, de desânimo. Mas os mais inchados de todos, são os demónios do orgulho: levam os corações vaidosos a uma alta opinião de si mesmos.

Aelred de Rievaulx, Sermon pour l'année, 54,8 in Aelred de Rievaulx, Sermons pour l'année, 4, collection Durham Sermons 47 -64 Oka Abbaye Notre-Dame du Lac 2005 p. 103 e ss

5

Cada vez que é sugerido a um monge voltar-se para a falta de fervor e o torpor, depois de ter visto um outro que vive na tibieza, e de se dar à ociosidade depois de ter visto alguém na moleza, e de andar à toa, depois de ver o exemplo de alguém ganho pela acédia; cada vez que é sugerido a alguém que escute bem um difamador, ou que se junte a um murmurador, ou que esconda ou encoraje sinais e palavras inúteis, cada vez que isso acontece é a serpente que lhe diz: Experimentai e sereis como deuses.

Aelred de Rievaulx, Sermon pour l'année, 59,29, in Aelred de Rievaulx, Sermons pour l'année, 4, collection Durham Sermons 47 – 64, Oka Abbaye Notre-Dame du Lac 2005 p.183

6

Oh, se soubessemos que somos homens, se entendessemos que fomos criados à imagem e semelhança de Deus! O que é que está ligado a esta dignidade, meus irmãos? Como seres

humanos, somos compostos de dois elementos: temos um corpo, temos uma alma. Segundo o corpo, somos de um certo modo como os animais: não é aí que se situa esta imagem e semelhança de Deus. Pois é na alma que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. Que cada um examine, agora, se vive conforme a imagem e semelhança de Deus, ou se vive segundo o que é parecido com os animais. Que cada um examine, se se preocupa mais com as coisas que mantêm o corpo, ou com as que mantêm a alma.

Aelred de Rievaulx, Sermon pour l'année, 34, 8, in Aelred de Rievaulx, Sermons pour l'année, 3, deuxième collection de Clairvaux, Sermons 29 – 46 Oka : Abbaye Notre-Dame du Lac, 2002, p.92

7

Volta, volta, Sunamita, afasta-te da atenção que dás à tua feiura e à tua imperfeição. Sim, digo, volta, volta ao olhar que se apega também ao teu brilho e à tua beleza. Aprende a não só te desagradares contigo mesma, para que aprendas a agradar ao teu Esposo. Não ignores que és negra, mas sabe também que és bela.

Jean de Ford, Sermon sur le Cantique des cantiques 63,4, in Jean de Ford, Sermons sur le Cantique des cantiques, Tome II Sermons 44 – 84, Oka: Abbaye Notre-Dame du Lac, 2000 p. 246



QUATRO PENSAMENTOS

1



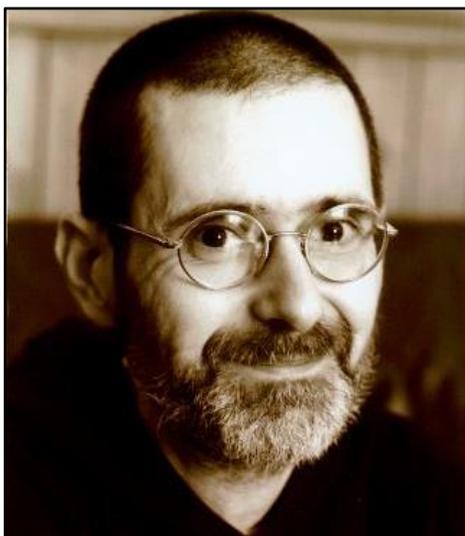
Sr Anne Elizabeth Sweet (Tautra)
Nasc. 9 de Maio 1950
Entrada (OSB): 24 de Agosto 1969
(OCSO): 14 de Março 1995
Email: anneelizabethocso@gmail.com

Há muitas coisas na descrição que Isaac faz, ao falar do seu demónio, com que me sinto pessoalmente em ressonância (com que me identifico), e isso toca o que mais lamento na minha vida monástica: o tempo que perdi. Não porque estava ociosa, ou era preguiçosa, mas por causa do tempo que passei em distrações, mais preocupada com aquelas coisas que Isaac descreve quando fala do seu demónio particular (8). Perdi tempo que teria podido consagrar à lectio, ao estudo, à oração, à contemplação da glória de Deus... afim de ser transformada... à sua imagem.

Ah, se tivesse reconhecido tudo isso mais cedo!

As vezes as inclinações más ligadas aos pensamentos descritos por Isaac, podem ser pesadas. Mas a presença do poder de Deus e da sua graça em nós, é ainda mais poderoso, e como diz Isaac, devemos trabalhar isso (4). O que significa trabalhar a sério.

Como Isaac, fiz a experiência do poder da Palavra de Deus e da palavra poderosa e verdadeira que pode expulsar esses pensamentos interiores, e essas vozes que me afastam da contemplação do Cristo. Às vezes, como aconteceu com Isaac, basta uma palavra dos salmos cantados no cântico, ou uma palavra recebida durante a lectio. Quando tal texto me fala, agarro-me a ele, leio, rezo-o, repetindo-o ao longo do dia, deixando que seu poder me trabalhe interiormente. Parece-me que quando o faço, minha boca e meu coração transbordam de louvor, na experiência de uma nova liberdade e de uma nova paz.



Irmão António Manuel Pérez Camacho (Huerta)

Nasc. 19 de Julho 1969

Entrada: 21 de Setembro 1993 (OSB)

13 de Janeiro 2013 (OCSO)

Email : famsilos@yahoo.es

É verdade que, às vezes por causa da persistência de alguma falta, da insistência de certos pensamentos nocivos, e da incapacidade de os tirar da tua vida, pensaste muito seriamente que tinhas um demónio, que estavas possuído por algum espírito mau e que precisavas de um exorcismo. Dir-se-ia que temos dentro de nós um agente de Satanás, que continuamente nos pica; é como se, existisse, ao mesmo tempo que os dons de Deus e guerreando-os, uma voz muitíssimo impertinente que nos atrapalha. É aquele demónio conhecido, familiar, nocivo e falador de que nos fala Isaac. É essa chuva contínua de ideias erradas e ruins que cai na nossa memória e que tem o poder de nos tornar inúteis para a oração, as boas obras e até mesmo para a confissão dos nossos pecados. Na realidade, é no nosso interior que instalamos o exército mais poderoso de inimigos, e, assim, quando rezo com os salmos pedindo para ser liberto dos inimigos, estou pedindo que Deus me defenda dessa multidão de pensamentos falsos. Pois, só o poder de Deus agindo em Jesus, pode me libertar, expulsar “o meu demónio”. Como Pedro diz a Cornélio, foi para isso que Jesus veio ao mundo: “Jesus de Nazaré que passou fazendo o bem e curando todos os que estavam sob o poder do diabo” (At 10, 38)

E esta é minha experiência: só a lembrança, na minha memória da sua pessoa, pela repetição contínua do seu doce Nome, ganha pouco a pouco terreno sobre o inimigo.





Dom Mark A. Scott (New Melleray)
 Nasc. 9 de Maio 1948
 Entrada : (Vina) 1978
 Email : frmark@newmelleray.org

Isaac era, como eu, abade. E é como abade que leio este sermão. Quando ele começa a dirigir-se aos irmãos ele chama-os “muito queridos”, dilectissimi (1). Por temperamento não saberia dizer isso de forma convincente e sem ofender. Simplesmente uso outras maneiras para mostrar minha afeição aos meus irmãos. Mas Isaac não para aí. Ele diz depois: “quanto a mim, meus queridos irmãos, conheço muito bem o meu próprio demónio pessoal” (6) Ele explica quais as tentações por que passa, e, provavelmente cede, tudo coisas que os irmãos conhecem bem (8-9). Assim, Isaac, de forma concreta, incarna para eles o que significa “confessar”, atitude que ele se esforça para encorajar neles. Para os seus monges, Isaac é o mestre, encarregado de proclamar a Palavra de Deus (14); quanto a eles, seu primeiro dever é louvar a Deus. Mas não são capazes, nem ele, nem eles, de realizar a sua vocação, sem praticar a confissão dos pecados. É somente graças a ela, que ele, em primeiro lugar pode ensinar, e eles, depois, louvar (15). Isaac cita o Salmo: “Revestiste-te de confissão e de beleza” (10; Sal 103,1). No Salmo trata-se de Deus, mas Deus é modelo do homem. Isaac pode atribuir isso a si mesmo, sendo um modelo para seus irmãos monges. O homem é feito à imagem de Deus, diz Isaac com ousadia, mas vocês, meus bem amados, sede à minha imagem; portanto, somente na medida em que esta imagem é um reflexo de Deus. Existimasti quod erro tuis similis (18; Sal 49, 21)?



Irmã Rebekka Willekes (Klaarland)
 Nasc. 27 de Junho 1967
 Entrada 27 de Setembro 2002
 Email: zr.rebekka@gmail.com

« Meu demónio pessoal » !Sou mais levada a pensar no meu anjo da guarda do que nos demónios. Mas Isaac salta de Jesus expulsando um demónio, há muito tempo, para este demónio pessoal do meu tempo. E a sua descrição é bastante exata. Um demónio eloquente, que me distrai e faz calar a minha oração. Falando, torna-me surda à voz do Senhor. Durante o Ofício divino, murmura aos meus ouvidos e diz: qual é tua agenda hoje? Ou então lembra-me uma situação problemática, sugerindo que pense nela agora, para ser resolvida. Quando se apresenta com um modo menos sério, pergunta-me o que vamos comer no almoço. E quando assume um modo mais sério, poe-se a alimentar o meu orgulho, o meu ressentimento, a minha tristeza, a minha desconfiança, a minha cólera (raiva). E durante o tempo todo que o escuto, fico muda. Nada de palavras de louvor de Deus, nem de palavras boas para o meu próximo. Minha língua pode cantar a glória do Senhor, mas meu coração está silencioso.

Mas se é só um demónio, então não há motivos para desesperar. A imagem de um demónio falador ajuda-me a resistir-lhe e a voltar para o Senhor; a reconhecê-lo pelo que é: não um pensamento inteligente, nem uma reflexão necessária, nem uma emoção preciosa, mas um demónio, a ponto de ser expulso por Jesus, quando grito por Ele: “Senhor socorrei-me sem demora”!



PARA SEU CADERNO DE NOTAS

- 1- Escreva três pontos, ou ideias que esta Unidade (Módulo) fez surgir em você e que gostaria de guardar na memória.
- 2- Se quiser, escreva uma resposta pessoal sobre os pontos estudados neste dossier, 250 palavras bastam.
- 3- Se quiser partilhar, pode enviar ao P. Michael Casey, (Tarrawarra) experientia.editor@gmail.com. Se quiser, pode juntar uma foto sua, com seu nome e endereço do mosteiro, sua data de nascimento, a data de entrada e seu endereço mail.

ALGUNS TEXTOS PARA APROFUNDAR

Elias Dietz, Conversion in the Sermons of Isaac of Stella, in Cistercium Studies Quaterly 37,3 (2002) p. 229-259

Elias Dietz, Aelred on the Capital Vices : A Unique Voice among the Cistercians, in Cistercian Studies Quaterly 43.3 (2008) p 271-294

Bernard McGinn, Freedom, Formation and Reformation : The Anthropological Roots of saint Bernard's Spiritual Teaching, in Analecta cisterciensia 46 (1990), p.91-114

Maur Standaert, La doctrine de l'image chez saint Bernard, in Ephemerides Theologicae Lovanienses 23 (1947) p.70-129



UNIDADE CINCO

SCHOLA DILECTIONIS

ESCOLA DE AMOR

ESCOLA DE AMOR

Nesta Unidade convidamos você a refletir sobre sua experiência do amor, sua presença ou sua ausência, no seio da comunidade monástica, e a comparar sua experiência com os textos do nosso patrimônio, que falam da comunidade como de escola de amor, uma escola de caridade. O sentido desta palavra “escola” indica que pelo fato de viver a vida comum, e de fazer parte de uma comunidade monástica, somos instruídos, guiados e ajudados para crescer no amor humano e divino. Isto é o ideal. Mas em que medida é que isto acontece? Como podemos velar para que nossas comunidades sejam realmente lugares onde se aprende a amar mais e mais profundamente, segundo a Espírito?

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Onde fiz experiência do amor? Onde recebi amor? Fiz a experiência, neste mosteiro, que aqui é um lugar onde a minha afetividade é promovida e libertada dos seus limites? Sempre me senti “em casa” na comunidade, ou houve períodos em que me senti mal à vontade, marginalizado, estrangeiro?
2. Que importância têm, para mim, minhas relações com os outros membros da comunidade? Em que medida me mostro acolhedor dos outros, em comunidade, e os acolho como ao Cristo? Consigo testemunhar minha afabilidade? Através do serviço mútuo? Pela escuta? Pelo cuidado em fazer bem minhas tarefas na comunidade? Com que membros da comunidade posso ter uma conversa séria?
3. Sou capaz de ir ao encontro do outro, ou espero que os outros façam o trabalho de aproximação? Faço a experiência da palavra e da escuta em comunidade, (posso escutar e falar em comunidade), como oportunidades para crescer juntos por meio de abertura mútua crescente? Participo voluntariamente nas atividades comunitárias: liturgia, descanso, trabalho, encontros, festas?
4. Como construo as relações na comunidade? Como posso mostrar preocupação pelos outros, sem ser inoportuno? Quais são os membros da comunidade com quem me sinto indiferente? Há no comportamento de tal, ou tal, alguma coisa que sinto como ameaça, ou que me desanima de tentar uma aproximação? Tenho, hoje, membros da comunidade que sinto como “inimigos”? Faço a experiência do perdão dado e recebido como uma realidade que existe no seio da minha comunidade?
5. O modo como os bens materiais são distribuídos na comunidade, é justo, ou a posse de certas coisas serve para marcar simbolicamente um estatuto particular? Há uma hierarquia invisível de privilégios, na minha comunidade, que permite a alguns ter acesso mais fácil aos recursos do mosteiro? Isto causa ciúmes, murmurações? Esta desigualdade atrapalha a comunhão?
6. Quais são os talentos e as capacidades que reconheço em alguns membros da comunidade? Alegro-me com estes dons, estas capacidades e realizações nos outros, ou são, para mim, fonte de inveja e de contrariedade? Consigo reconhecer num membro da comunidade o dom de testemunhar claramente uma benevolência generosa e

acolhedora dos outros? A comunidade encoraja-me a discernir minhas qualidades particulares? O que é que eu sinto quando meus dons e minhas capacidades não são reconhecidos, ou quando não me é dada oportunidade de os utilizar e desenvolver?

7. Em que medida o amor de Deus está ligado ao amor do próximo na minha própria experiência? Será que os anciãos na comunidade têm um papel determinante para me guiar no caminho do amor?



INTRODUÇÃO AO SERMÃO 20 DE S. BERNARDO



Irmã Maria Francesca Righi (Valserena)

Nasc. 3 de Agosto 1951

Entrada 5 de Julho 1977

Email: france.righi@monasterovalserena.191.it

Os mosteiros cistercienses podem ser pontos de luz na fidelidade ao que a tradição chamava Schola caritatis ou dilectionis. Hoje, nós que somos chamados a ser “especialistas em humanidade” e “especialistas da comunhão” devemos reaprender a arte de transmitir esta experiência. O verdadeiro ponto de partida, no nosso mundo globalizado que exalta as emoções e humilha a razão e a liberdade, é que nós somos analfabetos no amor. O homem tornou-se “a medida de todas as coisas” e cria laços frágeis, pois nega a verdade, que é, que ele não sabe mais viver. Precisamos de uma escola, de um mestre, de conteúdos de verdade a reaprender; devemos reencontrar, numa experiência refletida, a herança cultural do Ocidente, fundada sobre a fé cristã, e elaborar uma teologia monástica. Precisamos, depois, de uma experiência de formação para verificar sua validade e sua fiabilidade. Temos de reaprender os fundamentos da nossa humanidade. A história do homem começa com o pecado, é a verdade das origens. Devemos, portanto, admitir no nosso vocabulário, que é de um otimismo incorrigível, ou tragicamente desesperado, palavras como: o mal, a morte, a desordem, o sofrimento, a redenção. É justamente a experiência dolorosa deste incompreensível *mysterium iniquitatis* que exige que se eduque a faculdade de amar, segundo o método beneditino de humildade e de obediência. A pessoa humana define-se pela sua capacidade de amar: Deus é amor e a pessoa humana criada à sua imagem, é amor. Amor em todas as fibras e níveis da sua constituição psicológica, física e espiritual; amor na complexidade da sua antropologia. O amor é fator unificador desta unidade alma-corpo, que o pensamento moderno tenta reduzir à biologia, ou à energia neuronal; a unidade dual corpo-alma é habitada pelo espírito, o nível da criatura humana entre os vivos, o sopro nele do sopro de Deus. Temos de reaprender esta unidade na vida litúrgica, que educa o corpo, na espiritualidade que alimenta a alma, na fraternidade que é morada do Espírito.

Estes três elementos correspondem aos três elementos de base da espiritualidade beneditina cisterciense: o trabalho (o corpo), a lectio (ratio) e a oração pessoal e litúrgica (o espírito).

Podemos, depois pô-los em relação com as Pessoas da Trindade: o corpo com o Pai que o criou, a razão (ratio) com a Palavra, o espírito com o affectus, vida profunda de Deus.

A pátria do amor é, de fato, a Trindade. O mestre desta escola, que é único, é o Cristo, é ao mesmo tempo pai e mãe, amigo e irmão, companheiro. Nós amamos primeiro como escravos, depois como mercenários, depois com o casto amor de filhos e de esposa, respondendo ao amor com que o Pai nos amou. A resposta amorosa da nossa liberdade cresce com o crescimento da pessoa. A escolha inicial é decisiva: o caminho da virtude, da bondade, da verdade, da beleza e da felicidade, ou o caminho do vício, do mal, das mentiras, da feiura e da infelicidade. Uma vez a decisão tomada, podemos partir para a aventura do amor, uma corrida para a meta e a capacidade de se dar com confiança. Nesta primeira etapa o instrumento privilegiado é a relação com um ancião, com quem se dá os primeiros passos na experiência da paternidade-maternidade espiritual. Um outro instrumento é a oração pessoal e litúrgica. Ao longo desta primeira etapa, trata-se de trabalhar de maneira a moldar esta matéria tão móvel e tão viva que é a nossa afetividade, até que se possa adquirir toda a substância do homem interior. Este trabalho faz-se no concreto das observâncias da vida monástica, de toda a vida da comunidade, que constitui como o seio de onde renasce o homem novo, o homem interior, as águas nas quais somos imersos e das quais sai a nova criatura unificada em si mesma, e capaz de comunhão. Neste primeiro grau o amor, “amor” (Karol Wojtyła diria desejo, concupiscência, Bernardo diria amor de si, Aelred amizade ainda infantil), que começa por ser egoísta, traz consigo uma certa doçura, um gosto, um sabor novo; a doçura da primeira experiência do amor do Cristo. Ele nos amou com toda a sua humanidade, com um amor revestido de carne, e tomou desta carne tudo que era obstáculo em nós, as consequências do pecado: a morte, a dôr, a desordem, e deu-nos o que era dele, a verdadeira vida eterna. O amor do primeiro grau sustenta a tensão para a meta, o espírito iluminado pela maturidade tem, por resultado, a caridade; tudo isto não é outra coisa senão o olhar com que vemos Deus, uma energia da alma, simples, poderosa e pura.

Para passar do indivíduo dividido em si, e dos outros, à comunhão das pessoas, à imagem da Trindade, a terceira etapa é cronologicamente a de tornar-se ancião, mas moralmente é a etapa do homem espiritual, que não coincide necessariamente, com a maturidade cronológica.

O sacramento da autoridade serve de mediação entre a vida trinitária e a experiência da pessoa chamada a passar do eu dividido, ao eu-em-comunhão, e o sacramento privilegiado desta passagem é o sacramento da Eucaristia, centro e fonte de toda a nossa vida.

O fundamento que sustenta e liga todos os planos desta escola, e que faz dela uma ponte entre o céu e a terra, é o que presidiu à criação do homem, ele que por sua morte sobre a cruz trabalhou pela redenção e sustenta o seu caminho no Espírito; é o Cristo que criou a comunhão entre todos os membros do corpo e entre todos os membros e a igreja do céu. E assim como o Cristo nasceu do seio de uma Virgem, assim Maria é o seio virginal e materno, segundo a eclesiologia marial e a eclesiologia de comunhão de Vaticano II, que é como o princípio gerador de nossas comunidades: a Mãe do belo amor, é mestra e mãe da Schola dilectionis.

Assim, a schola dilectionis realiza o programa de estudo previsto por São Bento: vinde a mim, que sou o caminho (o método), a verdade (o conteúdo), e a vida (o prémio). O supremo grau da schola dilectionis é consagrado pelo abraço da Trindade Santíssima; quando o Filho educou seus irmãos, o Espírito purificou seus afetos e o Pai os toma como filhos, no abraço do seu amor.

BERNARD DE CLAIRVAUX
SERMÃO 20 SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

SETE TEXTOS BREVES

1

(No amor mútuo) precisamos alimentar uma tripla preocupação, pois Deus é amor. Sim, Toda a nossa preocupação com este amor, deve ser que ele nasça, que cresça, e que se mantenha. Nasce, se dermos de comer ao nosso inimigo, se lhe dermos de beber, pois fazendo isso colocamos brasas sobre a sua cabeça. Estas brasas ardentes são as obras do amor que se juntam sobre o diabo. Pois ele é a cabeça de todos os injustos, e é quando ele desaparece, que Deus pode nascer, para eles, como sua cabeça, ele que é amor. Aliás, o amor cresce se responderes às necessidades daquele que está precisando; se aceites emprestar aquele que vem te pedir; se abrires a tua alma ao teu amigo. Por fim, o amor conserva-se se, por tuas palavras e atos, satisfizeres os desejos do teu amigo, mesmo quando estes não parecem indispensáveis. O amor conserva-se e até aumenta, quando se faz boa cara, quando nos expressamos com doçura, quando agimos com alegria irradiante. Assim, o amor que se expressa pelo rosto e pela palavra, confirma-se agindo com bondade e com alegria. Pois é a ação que é prova de benevolência.

(Bernard de Clairvaux, Sermon divers 121, in Saint Bernard, Sermons divers, t. II, Desclée de Brouwer, 1982, p.216)

2

Se te acontece receber uma injúria, o que é sempre difícil evitar nas nossas comunidades, não vás logo responder igual por igual com uma resposta que fere, conforme os costumes do mundo. Mas evita também, sob pretexto de corrigir teu irmão, de machucar com uma palavra dura e cortante, uma alma por quem o Cristo se deixou pregar numa cruz. Não fales censuras entre dentes, não murmures, não enrugues teu nariz, não faças gozação com ar trocista, não ponhas rugas na testa para expressar hostilidade ou ameaças. Que teus sentimentos morram à nascença. Não permitas que apareçam à luz do dia, pois podem destruir, porque são portadores de morte. Então poderá dizer como o profeta: Fiquei perturbado, mas calei-me.

(Bernard de Clairvaux, Sermon sur le Cantique, 29,5, in Bernard de Clairvaux, Sermons sur le Cantique, T. 2, Cerf, 1998, p.389)

3

É preciso, antes de mais, procurar a amizade (dilectio) de Deus, que é a primeira de todas e o fim de todas: ela nos fará merecer ser amados pelos homens e nos tornará sábios na arte de usar a amizade dos homens. Uma vez isto conseguido, quer dizer, uma vez o teu coração tão firme, que não queiras mais ser amado, a não ser em Deus e por Deus, então, concordo que a doçura de teus modos, a humildade de teus serviços, a delicadeza da tua dedicação atraiam para ti a estima dos homens.

(Guerric d'Igny, Troisième Sermon pour la fête de saint Benoît 4, in Guerric d'Igny, Sermons, t. II, Cerf, 1973, p.83)

4

O amor a atraíu e dirigiu ; ensinou-a a andar nos seus caminhos e ela seguiu-o fielmente ; Muitas vezes muito penosamente e em múltiplas obras, com muitos suspiros e ardentes desejos; com muita impaciência e grande desprazer, nas contrariedades e no sucesso, em múltiplos tormentos; na procura e na súplica, na privação como na posse, ficando enlevada e como que suspensa, buscando e pedindo, no sofrimento e na aflição, ficando como que liquificada e abatida, nas alegrias e nas provações da fidelidade. E foi assim que ela se tornou pronta para sofrer na boa e na má sorte. Morta, ou viva, ela quer dar-se ao Amor, e, no mais íntimo do seu coração sofre imensas dores, e por causa do amor, deseja chegar á pátria.

(Béatrice de Nazareth, Des sept degrés de l'amour de Dieu. La septième manière d'aimer, in La vie de Béatrice de Nazareth, Oka, Abbaye Notre-Dame du Lac, 2009, collection Pain de Citeaux, n° 29, p.208 e s)

5

Entre eles vivem uma tão grande caridade, que se acontece um deles estar longe, por alguma coisa de utilidade comum, nenhuma mãe sentiria mais desejo de rever seu filho único. Quando ele volta, imediatamente com afeição fraterna, apressam-se a abraçá-lo ao pescoço, realizando o que o Senhor diz no Evangelho: sereis verdadeiramente meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

(De um costumeiro não identificado, editado em Vetera Analecta de Jean Mabillon)

6

Irmãos, que a alma vá seja para onde for, para o bem ou para o mal, ela só vai pelo amor. Se ela amar as coisas passageiras e caducas, que são de natureza inferior à sua, ela abaixa-se, evidentemente, abaixo de si mesma. Se, ao contrário, ela voltar todo o seu amor para si mesma, é como se ela ficasse em si mesma; e, como é miserável, enquanto ela amar só a si mesma, ela só poderá ser miserável. Mas se o homem se elevar para Deus, com todo o seu coração, então ele eleva-se acima de si mesmo; e como Deus é a verdadeira bem aventurança, então o homem só pode ser feliz.

(Aelred de Rievaulx, Sermon pour l'année 43, 30, in Aelred de Rievaulx, Sermons pour l'année, 3, deuxième collection de Clairvaux, Sermons 29 a 46, Oka, Abbaye Notre-Dame du Lac, 2002, p. 186 e s)

7

Tendo recebido aquela graça de que falamos, em virtude da qual habitam num mesmo lugar, eles fruem a si mesmos em Deus e a Deus em si mesmos. Sentem tão pacificadas todas as contradições da carne, que o corpo inteiro é para eles apenas instrumento de suas boas obras. Pois embora devorados pelas misérias e enfermidades da carne, no entanto fortalecem-se no homem interior. (...)

Pela expressão do rosto e por seu comportamento, pela beleza de suas vidas, de seus costumes e de suas ações, e também, por seus serviços mútuos, ou sua dedicação e bom acolhimento uns dos outros, entendem-se e sentem-se tão unidos na sua amabilidade cheia de graça, que verdadeiramente não fazem senão um só coração e uma só alma. Pela pureza de sua consciência e pela amenidade de suas relações mútuas, já experimentam a glória futura de seus corpos, que obterão plenamente na vida futura e eterna.

(Guillaume de saint Thierry, De la nature et de la dignité de l'amour 51, Paris, J. Vrin, 1953, p.133-135)

QUATRO PENSAMENTOS

1



Agustín Romero Redondo (Huerta)

Data de nascimento : 8 de Dezembro 1936

Entrada: 27 de Setembro 1955

Email: agustin@monasteriohuerta.org

O texto de partida, o de São Bernardo sobre o amor de Deus e o amor para com Deus: se amas a Deus, ama teu irmão, é muito sugestivo para falar de fraternidade. É uma realidade na vida normal. Se uma pessoa se abre ao mistério do Deus amor, sente a necessidade de amar o irmão; se a pessoa não ama o irmão, a relação com Deus enfraquece-se.

Vivi na atmosfera de uma comunidade pobre em muitos sentidos, com choques humanos próprios a toda a vida comum, choques de todos os tipos de uns com os outros, dificuldades, invejas, ciúmes, murmurações, em que às vezes, triunfam o egoísmo e o isolamento, coisas que podem acontecer em qualquer comunidade.

Mas na realidade profunda da comunidade, onde vivo, ainda que não deixe de ser o “exército fraterno” (RB 1,5) bem experimentado no combate fraterno, constatei, desde os primeiros anos de vida monástica, que a comunidade tinha feito, desde o começo, um caminho de reconciliação e de comunhão. A experiência do amor de Deus vivia-se simplesmente, e percebia-se que a pessoa era aceita, amada e estimada. As pessoas de fora notavam que nós nos amávamos, em comunidade.

O trabalho feito pela comunidade é perceptível no fato, de que os anciãos, apesar do passado, chegaram a uma calma cheia de paz, cheia de amabilidade, e também de ternura, que irradia sobre os mais jovens na paz e na felicidade. Finalmente constata-se que somos a santa Igreja, a Esposa do Cordeiro, a nova humanidade que caminha para a plenitude, no meio das dificuldades e misérias.



Josepha Chang (Hye-Kyung Chang) (Sujong)

Nascimento : 19 de Fevereiro 1958

Entrada : 13 de Dezembro 1988

Email: trappistkr@gmail.com ou trappist2@hanmail.net

Amai o Senhor vosso Deus, com afeição do coração (Cordis affectus) plena e total; amai-o com toda a sabedoria e com toda a vigilância da razão; amai-o com todas as forças do espírito, de forma a não temerdes morrer de amor pelo amor dele, assim como está escrito: O amor é forte como a morte, e o zelo fervoroso inflexível como o inferno (Cant 8,6)

Esta frase faz-me tremer sempre, como me fez a primeira vez que a ouvi. É esta formulação que me fez realizar que a viagem espiritual é um processo de integração, mais do que um desenvolvimento sem fim.

Amar a Deus com todo o coração, com toda a razão e com todas as forças leva a transformações do ser humano. Na minha experiência, quando estes três temas se integram, há uma mudança, sobretudo no campo do desejo e dos desejos. Como a polaridade de dois ímãs, que se rejeitavam e, que agora, se atraem um ao outro.

Mas fica uma forte tensão e distância entre eles. Nesta distância, você pode realizar que capacidade de narração pessoal e humanista você tem. Há uma grande distância entre a pessoa que deseja e o objeto do seu desejo, e no entanto, ao longo da história pessoal o desejo teve um papel ativo, mesmo quando não reconhecido. Por causa disso nasceu a arte, a ciência desenvolveu-se, os agricultores foram produtivos e novos bebês nasceram. Há pessoas que se excluíram desta tensão, pois não puderam diminuir a distância infinita. O resultado disto é uma perda de vitalidade, a desolação na vida.

Mas um salto sem meta, nunca termina nunca em vão. No breve momento em que o esforço da tensão pode ser libertado, o desejo e os desejos tornam-se um só. E, depois, não é o fim.

A unidade

quando não puder desejar sem cobiçar
e lá, onde a cobiça deseja morrer no outro.



Irmão Justin Muzindusi Kanumbu (Mokoto)

Nascimento : 3 de Setembro 1979

Entrada : 1999

Email : justinkanumbu@gmail.com

É com grande humildade que partilho aqui minha pequena experiência da schola dilectionis. O santo afirma que “o que atrai mais o amor pelo Senhor Jesus não é outra coisa do que o cálice que ele bebeu, obra da nossa redenção”. De fato, o amor de Deus apresenta-se a mim como uma exigência, sobretudo considerando o que Jesus fez por mim: “minha vida”, “minha inteligência”, e “minha vocação”, tudo isso vem de Deus. Relendo minha história, só posso descobrir nela a mão de Deus.

Nasci no dia 3 de Setembro de 1979 numa família de oito filhos, quatro rapazes e quatro meninas, todos casados. Meu pai, que era chefe de uma colina, e minha mãe, encantadora, nos educaram num espírito de liberdade. Entrei na vida monástica em 1999, fiz profissão solene em 2005 e fui ordenado em 2013.

Descobri a comunidade como lugar em que o meu amor pode ser purificado cada dia. Meu mestre censurava-me por ser tão apegado à família: esta passagem, este desapego, esta desapropriação, eu os vivi na dor e na confiança. De fato, há uma distância entre o querer e o agir. A vida monástica é um caminho pascal, no seguimento do Cristo. Amar, sem ser a si mesmo, ultrapassa-nos. A comunidade fraterna põe em evidência o amor divino. Tudo está no duplo mandamento do amor. É maravilhoso juntar o amor de Deus e o do irmão.



Irmã Kathleen O'Neill (Mississippi)

Nascimento: 29 de Outubro 1953

Entrada : 6 de Julho 1979

Email : Kathleen@mississippiabbey.org

Meus desejos interiores sobre o amor, mudaram depois da conversão que me levou ao mosteiro, uma experiência forte do amor de Deus. De repente, o desejo de amar venceu e submergiu o meu desejo de ser amada. Evidentemente, ficou, e fica ainda, este desejo de ser objeto do amor dos outros, pelas mais variadas e más razões. Mas a energia interior da vida monástica, é o gosto deste dom bem mais desejável, que é a capacidade de amar.

Neste magnífico comentário do primeiro mandamento do amor, Bernardo oferece muita coisa que pode ser posta em prática. Uma coisa ficou para mim: “que vosso amor seja forte, constante, sem ceder nem ao medo nem (minha tentação pessoal) ao resistir ao duro trabalho espiritual” Penso que ele nos fala de nos apressarmos a amar ternamente e com força. O que Bernardo quer dizer com amar sabiamente, não sei bem se entendi, mas os numerosos exemplos que ele dá, sobretudo os da vida de Jesus, são uma grande fonte para examinar minha própria vida.

Mas, mais do que qualquer conselho prático ou encorajamento para renovar meus esforços, o que recebi deste sermão é que Bernardo acorda o meu desejo de amar. Quando ele fala da experiência de amar, algo em mim diz, “sim, sim” É isto que eu quero, este é o verdadeiro sentido da minha vida. E sinto minha confiança se renovar neste dom que o Pai quer me fazer, este dom de amar com o próprio amor de Deus. Isto será, um dia, meu, e de um modo que ultrapassa tudo o que posso esperar e imaginar.

PARA SEU CADERNO DE NOTAS

1. Escreva três pontos, ou ideias, que esta Unidade fez surgir em você e que gostaria de lembrar.
2. Se quiser, escreva uma resposta pessoal sobre os pontos estudados neste dossier. Bastam 250 palavras.
3. Se quiser partilhar sua resposta, pode enviá-la ao P. Michael Casey, (Tarrawarra) : experientia.editor@gmail.com Por favor junte uma foto sua, com seu nome e endereço de seu mosteiro, sua data de nascimento, a data de entrada e seu endereço pessoal de mail.

ALGUMAS LEITURAS PARA APROFUNDAR

Charles Dumont, “Fraternal Love in the Monastica Doctrine of saint Aelred”
CSQ 32.1 (1997), p.25 -35

Bernardo Olivera, « Aspects of the Love of the Neighbor in the Spiritual Doctrine of saint Bernard” CSQ 26: 2-3 (1991) p. 107-119, 204-226

Patrick Ryan, “Sensus Amoris”: The Sense of Love in Two Texts of William of St Thierry”
CSQ 40.2 (2005) p. 163-172